

PATOMACHO

DINO FALOU



ARI ERCÍLIO

E VALMIR

enfrentam

TETÊ E

VAVA' D'ARRIAGA

A volta de
LUIZAUGUSTO
o colunista que fez
tremar a província

doping
o futebol de farmácia

TATATA
OSTERMANN
LEVERÍSSIMO
NOBRE
SCLiar

A PATOTA tinha um compromisso consigo mesma: depois do terceiro número nos reuniríamos para decidir se valia a pena continuar e, se valesse, organizar melhor a coisa. Decidimos continuar, mas a coisa continuou desorganizada. Continuou, literalmente, uma coisa. O Pato era o único jornal do mundo feito por telefone, ou em ocasionais e fortuitos encontros dos seus editores. Quer dizer, o Coi e o Ferlauto se encontravam, por acaso numa esquina. Oi, como é que vamos e tal, e se a gente planeja o próximo número? Al telefonavam para a Ana Helena, que telefonava para o Nobre e para o Luis Fernando, que telefonava para o Sabugosa... A única coisa que salvou o Pato de ter sua sede apedrejada nestes primeiros meses é que ele não tinha sede.

Agora terminou a fase heróica. O leitor perspicaz notará que nosso expediente, a partir deste número, não é mais aquele. Temos um editor chefe que recebeu, em curta e tocante solenidade, uma única incumbência dos fundadores do Pato: «Organiza esse troço!» É o Pinheirinho. Temos um conselho de redação onde luzem os nomes de Ruy Carlos Ostermann, Paulo Totti e José Onofre além dos três sobreviventes da nossa fase aventureira. Temos até — imaginel — uma mesa, uma cadeira, um montinho de papel só nosol.

Agora já podem nos apedrejar à vontade. O Pato existe.

Editor Chefe
José A. Pinheiro Machado
Conselho de Redação
Ruy Carlos Ostermann
Paulo Totti
José Onofre
Coi Lopes de Almeida
Cláudio Ferlauto
Luis Fernando Veríssimo
Editor Gráfico
Cláudio Ferlauto
Equipe Gráfica
Maria Cristina Burger
Nilo Palm Soares
Augusto Portugal
Colaboradores
Carlos Nobre, Tatata Pimentel, Jefferson Barros, Moacyr Sellar, Harry Sabugosa, Vanderlei Cunha, Augusto Portugal, Carlos Stein, Joaquim da Fonseca, Teodoro Busch, Henrique Arnholdt, Beto Prado, Levitan, Moreno e Brasil, Pedro Mohr, Assis Hoffmann, Odette Galvão, J. Sorel e adventícios.
Correspondentes:
Do Rio: Cota Duhá; De São Paulo: Marcos Faerman e Victor Vieira; De Nova Iorque: Juju Monster; De Londres: Pumaça Nardi; De Madrid: José Maria Yglesias
Director responsável: Luis Fernando Veríssimo.
PATOMACHO é publicado semanalmente pela **GRAFITTE EDITORA S.A.** — Directores: Sérgio Alves Rosa e Renato D'Arrigo
Impresso nas oficinas da Gaúcha Gráfica Editora S. A. — Av. Ipiranga, 1078, fone 23-4266
Publicidade e Circulação: Elói Colente — Impacto Representações Ltda. — Av. José Bonifácio, 595 — Fone 23-7850.

top set

ZERO HORA

Pôrto Alegre, 12-3-65

A coluna de despedida do Lulu, quando ele se manda

A Despedida

Há cinco anos comeceti a ser o colunista da sociedade e da jovem guarda gaúcha. Hoje escrevo minha última coluna, mas tenho a certeza, que por muito tempo ainda, os meus leitores lembrarão as minhas crônicas, as minhas promoções e a minha personalidade jornalística.

Meus quatro Bailes de Debutantes realizados no Country, minhas movimentadas Ginkmas, os elegantes Desfiles de Moda na mansão dos Di Primio Bock, meus potluc exclusivos sobre o top set, meus programas de televisão na nossa TV Gaúcha Canal 12, tudo isso, formou um conjunto, que fez da coluna de Luiz Augusto, a mais lida do sul.

Hoje, na jovem guarda são notícia, e apenas elas são notícia, aquelas maravilhosas garotas, minhas debutantes, que estrearam na sociedade pela minha mão, elas serão amanhã, vocês verão, as líderes do top set sulino. E as líderes serão aquelas garotas, que são notícia permanente na minha coluna que hoje finda.

Há um ditado muito antigo, que diz: "Não há mal, que sempre dure, nem bem, que um dia não termine". Este ditado é o que agora se aplica, a esta despedida, para aquelas que gostavam de Luiz Augusto e para aquelas que não gostavam de Luiz Augusto porque, ambas liam Luiz Augusto, e isso era o que interessava para mim.

Termino hoje, minha carreira de colunista em Pôrto Alegre, mas não encerro minha carreira jornalística, e levo comigo, a lembrança querida, de nossa sociedade, que desde o início de minhas atividades, sempre me prestigia.

E alegria, e felicidade, de que durante cinco anos de colonialismo, não somente, dei momentos felizes aos que muito tem, mas também proporcionei muita felicidade aos que nada na vida possuem.

O Educandário São João Batista, o Centro Social Frederico Ozanan, o Amparo Santa Cruz, o Lar São José, o Colégio Pão dos Pobres, a Santa Casa, a Igrejinha São Manoel, do bendito Padre Ivo, os Ca-puchinhos, a Catedral de Pôrto Alegre, são apenas algumas das obras assistenciais gaúchas, que receberam os benefícios materiais das minhas inúmeras promoções.

Minha coluna, durante todo este tempo também, foi uma janela aberta, a todas as grandes iniciativas, de caráter cultural e artístico, e eu tenho a certeza de que estas também se lembrarão de mim.

Fiz uma coluna, que pode algumas vezes ter sido indiscreta, mas sempre fui verdadeiro, honesto e mais do que tudo autêntico.

Esta autenticidade eu levo comigo, assim como também a certeza de que na balança, das tristezas e das alegrias, que um colonista tem em sua vida, o prato em que estavam as segundas pesou muito mais.

Deixo um grande jornal, deixo grandes colegas, que mais do que colegas, grandes amigos, jornal que é uma das vezes mais autênticas do Brasil. Jornal honesto, democrático, cristão, popular sincero, independente e brasileiro.

Até breve.

"POST-SCRIPTUM"

"Deixa que falem, que pensem, que digam. Deixa isso prá lá..."

LUIS AUGUSTO

LUIZ AUGUSTO

Madame Lilot, que foi uma das maiores informantes da coluna TOP SET, de Luiz Augusto, escreve com exclusividade para o PATO sobre a volta a cidade do primeiro colunista que conseguiu fazer tremer a aldeia.

Rui Ostermann e Paulo Totti, dois amigos com o mesmo pedido: escreve algo sobre teu amigo Luiz Augusto. Relutância daqui, escapulido dali e aqui estou eu; aterrorizada, tentando dizer alguma coisa sobre uma das melhores figuras humanas desta cidade. Já sei que esta afirmação vai dar o que falar. Muita gente odeia o sucesso do Lulu. Afinal de contas, durante dois anos ele teve absoluta liderança manobrando a seu bel-prazer as figuras sociais de maior evidência, fazendo e desfazendo casos e nomes. Ninguém escapa impune desta arena. E foi o que aconteceu.

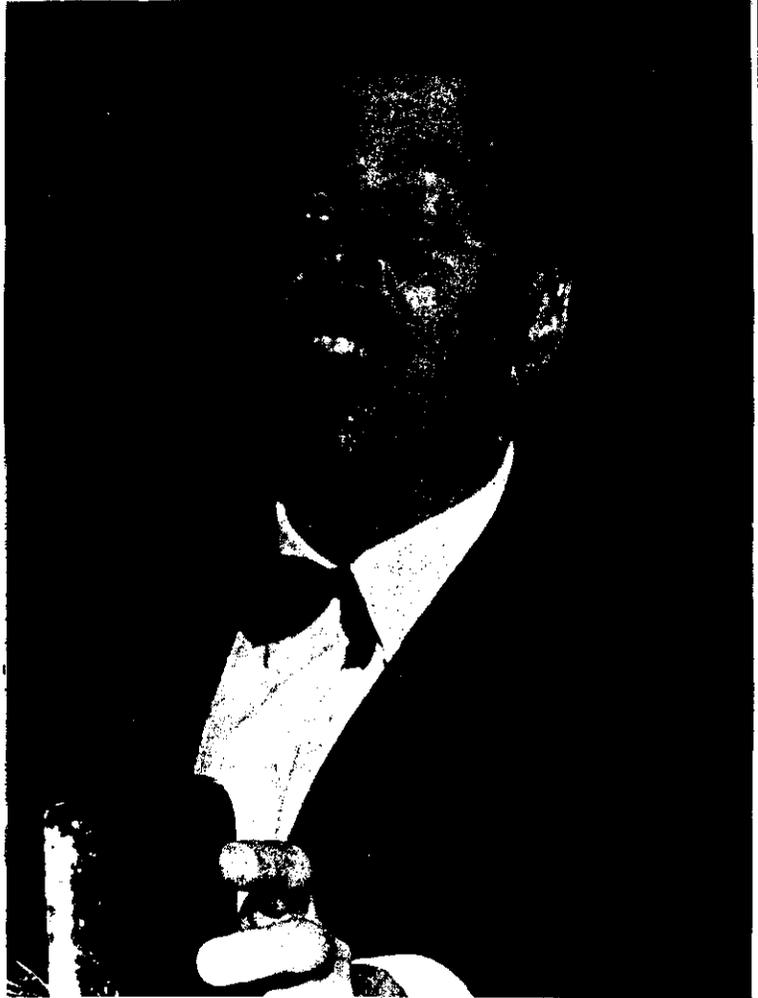
Nove anos se passaram desde que ele embarcou para o Rio, trocando a coluna social da UH por uma coisa chata e bem compartilhada como uma diretoria comercial de uma empresa. Deixou que o pó baixasse, e voltou. Virou manchete. Virou até entrevista neste jornal, que com sua agressividade, anda abalando os alicerces de muita gente, e ainda dizem que ele é burro, que seu sucesso terminou com sua coluna. Ora, minha gente...

E agora todos perguntam: de onde veio esta amizade entre vocês dois, já que eu não sou figura de society? Muito simples. Começamos juntos na UH gaúcha. Ele precisava de

uma mulher que orientasse debutantes, escolhesse decoradores para suas promoções, discutisse preços. Enfim, estas coisas que as mulheres fazem bem direitinho. Eu, que iniciava minha vida profissional como repórter policial, precisava de coisas mais alegres para amenizar os horrores que via. Outras vezes, como no caso Klieemann, foi ele que invadiu minha seara. Voamos juntos — de táxi aéreo — para Santa Cruz. Lulu entrevistava personalidades da política e da sociedade; eu, tenistas, padeiros, empregadas domésticas, etc. Demos página central naquela dia.

Tempos depois fui para o Rio. Lulu ficou. Sempre nos correspondemos, nos telefonamos, mas, não nos víamos. Agora surgiu a oportunidade. Ele veio, conversamos mais de duas horas e tudo está como antes. Luiz Augusto continua achando que só o Country conta ponto, que homem se vestir com roupas de Senador é que está certo, que Leda Vargas é a única miss que vale a pena, que a Kitty continua doce como sempre e que, a geração... que ele criou está aí, dando o que falar, e que talvez fosse muito bom voltar. Eu também acho.

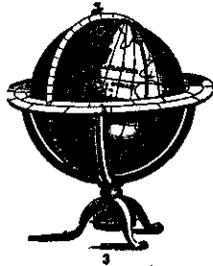
Madame Lilot



Tão misteriosamente quanto saiu de Porto Alegre, Luiz Augusto Gonçalves reapareceu meteoricamente na semana passada. A mesma calvície principiante, os mesmos sapatos mocassim e as mesmas jaquetas coloridas que nos tempos da finada "Última Hora" barbarizaram a sociedade de Porto.

Luiz Augusto esteve no Butikin, no Fedor, na Cantina da Vila e no show de Ella Fitzgerald. Não disse porque se foi daqui em 1965 e nem a que veio em 1971.

Mas o PATO MACHO, num espetacular esforço de reportagem, pode anunciar o que não veio fazer o Luiz Augusto em Porto Alegre: todas as virgens, São Jorge e corações-de-Jesus de nossas igrejas permanecem incólumes em seus altares, benditos sejam!



THEY DIED WITH THEIR BOOTS ON

Jefferson Barros

Um outro Jefferson, o Thomas, declarou há quase 200 anos que entre uma sociedade sem jornais e uma sem estado, ele preferia viver nesta última. Na sua edição de domingo — 13 de junho — o *New York Times* se comportou como se já vivesse — ou ainda vivesse — nesta utópica democracia jeffersoniana e começou a publicar uma série de documentos sobre o envolvimento americano no Sudeste da Ásia. A publicação destes documentos põe em dúvida toda a credibilidade mundial — se esta ainda existe — em relação ao Estado americano. Na quarta-feira (16 de junho) — estou escrevendo na quinta (17) — a publicação desta série foi judicialmente, sustada, até decisão preliminar de uma Corte de justiça, chamada a cena pelo Poder Executivo.

O que distingue e dá grandeza a uma sociedade e Estado democráticos — como os Estados Unidos — de um Estado totalitário — como a URSS, a Grécia e outros — é que documentos como estes — confidenciais e de interesse para a segurança nacional — são publicados antes para depois terem suas publicações proibidas pela justiça. Num estado totalitário, eles são proibidos antes da publicação. Pela polícia ou coisa parecida. Mas o fato é que o *New York Times*, se comportando como o jornal liberal que é, publicou os relatórios elaborados durante a gestão de Robert McNamara na Secretaria de Defesa.

Como informação — logo menos o que pude ler até hoje na Imprensa brasileira, onde o material mais completo foi publicado nas edições de terça e quarta do *Correio do Povo* e não nos jornais do Rio e São Paulo como você está pensando — os documentos não trazem novidade alguma. O envolvimento americano no Vietnã foi deliberado por Washington desde a velha guerra da Indochina. Sucessivos governantes da Casa Branca, numa escalada agressiva, prepararam o cenário da atual guerra do Sudeste asiático: inclusive o famoso incidente do golfo de Tonquin, em agosto de 1964, que justificou externamente o início dos bombardeios a Hanoi, foi resultado de uma série de provocações básicas norte-americanas, dentro do plano global de envolvimento. Depois da escalada aérea, a intervenção terrestre, que se intensificou de 1965 para cá, isto é, depois da série de golpes militares em Saigon que acabou com a formação do atual governo Thieu-Cao Ky. (Aliás, o documento revela que os generais vietnamitas não eram de toda confiança americana: eles podiam encontrar uma solução num governo de união nacional com presença «vietcong». A ação americana, na época, foi para impedir esta solução.)

Estas informações, contidas no relatório publicado pelo *New York Times*, não tinham chegado sequer — segundo alguns senadores — ao Senado, envolvido já há longo tempo num conflito de poder com sucessivos Presidentes. Este conflito diz respeito às prerrogativas para tomar decisões que envolvam a paz e a guerra. Constitucionalmente estas decisões só podem ser tomadas pelo Congresso americano; no caso do Sudeste asiático, o Exército, a Marinha e a Força Aérea dos Estados Unidos estão agindo na ilegalidade — consideram alguns senadores, entre eles o líder da maioria, Mike Mansfield — pois não há guerra declarada — pelo Congresso — contra nenhum país daquela região. No entanto, as informações do *New York Times* não são novas. Os líderes antiguerra, a Imprensa melhor informada, os *News & World Report*, como *The Economist*, e mesmo congressistas americanos mais interessados já sabiam de tudo, inclusive Barry Goldwater, o candidato republicano derrotado por Johnson nas eleições de 64, justamente aquelas em que a questão da guerra e da paz foi, eleitoralmente, decisiva.

Se do ponto de vista jornalístico as publicações do *New York Times* são pouco reveladoras, do ponto de vista histórico são quase inéditas. É a primeira vez que uma sociedade faz a guerra, a crítica da guerra e a análise real dos fatos da guerra ao mesmo tempo. Todas as guerras são sujas, algumas são mais sujas que outras (como por exemplo a guerra da Shell x Esso, que custou milhares de vítimas à Biafra), mas nenhuma sociedade — com a exceção da Atenas clássica — se permitiu lavar a sujeira de suas guerras no som de suas batalhas. As guerras são sujas, o problema é que só descobrimos seus lixos anos, muitas vezes séculos, depois. O que o *New York Times* realizou foi a transformação do lixo político em fato histórico, quando este fato não deixou ainda de ser político, de ser lixo, portanto.

Clausewitz acreditava — e eu acredito com ele — que «a guerra é a continuação da política por outros meios, pela violência. Revelando a face real da guerra do Sudeste asiático, os documentos que o jornal de Nova Iorque está tentando publicar questionam todo o exercício do poder político na Casa

Branca, põe em xeque os líderes americanos e revela a dimensão do equívoco estratégico ao se transformar, sem nenhuma habilidade, uma questão nacional vietnamita numa ameaça internacional.

Quase todo mundo já esqueceu que as guerrilhas — os vietcongs são guerrilheiros, gente! — só se instalaram no Vietnã do Sul por uma razão: o governo Dinh Diem (alguém é capaz de falar duas palavras sobre ele?) era uma tirania católica e ocidentalizante exercida, com crueldade e corrupção, sobre um povo budista, culturalmente integrado num padrão não ocidental de sociedade e economicamente explorado. Os estrategistas do Centro de Altos Estudos Militares do Peru: a subversão — como as idéias, justas e erradas — não caem do céu, nascem de fatores históricos, de conflitos sociais determinados. É preciso eliminar as causas para eliminar os efeitos.

O envolvimento americano logo após o acordo de Genebra de 1954 realizou exatamente o contrário: veio para auxiliar a causa, para salvar a cabeça do ditador Diem e de seu sistema político, justamente a causa material e imediata da ação vietcong. (Um pouco de lógica aristotélica não faz mal a ninguém: a causa eficiente da ação pode ser a proximidade geográfica com o Vietnã do Norte (comunista); a causa final pode ser o comunismo, mas a causa material, isto é, que deflagrou a ação e a imediata, isto é, que determinou o tempo em que a ação foi deflagrada, foi o ditador Diem.) E foi exatamente o envolvimento americano que mudou o conteúdo da guerra e que transformou a questão vietnamita em questão estratégica fundamental para o equilíbrio de poder do mundo.

Foram necessários dez anos de envolvimento político para os centros de decisão de Washington compreenderem esta verdade. Foi quando começaram a tramar a queda da família Diem — durante o governo Kennedy. Aliás, o relatório pedido por Johnson a McNamara — um dos documentos publicados pelo *New York Times* — data de 21 de dezembro de 1963, um mês depois da morte de Kennedy e poucos meses após a queda e morte de Diem. O relatório foi preciso para que Johnson pudesse reelaborar a política de envolvimento americano no Vietnã.

Quer dizer — e esta me parece a revelação mais importante que se pode deduzir das publicações — o atoleiro não existia desde sempre para os Estados Unidos, existia tão somente para o corrupto poder da família Diem sobre Saigon. Hoje — é claro — o cenário é o mesmo (se as napalms não o recriaram), os figurantes (ou sobreviventes) são os mesmos, mas o ponto é outro e a dimensão do drama ou da tragédia é quase apocalíptica. A questão nacional vietnamita se transfor-

mou num dos fatores decisivos da crise nacional americana, na fonte de uma II guerra civil, na ameaça — não só pela derrota militar, mas pela solapação política — de toda a sociedade democrática dos Estados Unidos. Se os líderes soviéticos buscassem bons aliados, nas proximidades do Casa Branca, talvez não encontrassem outros melhores do que o senhor Dulles e o general Ike, os distantes deflagradores da escalada americana no Sudeste da Ásia.

A história é feita de ironias, como observou Isaac Deutscher, e implacável, como pensava Jacob Burckhardt, principalmente quando seus dados podem ser analisados no espaço inferior ao de uma geração, quando seus personagens principais ainda estão vivos. John Foster Dulles e Eisenhower estão mortos, mas a geração americana que assistiu ao envolvimento dos Estados Unidos na aventura mais absurda de sua história é o personagem central de um romance que, como todos os romances, é um antípico das desilusões. Um retalho de memórias sobre um tempo de tristezas e de nostalgias. O que o *New York Times* começou a realizar — um pouco cedo demais para o gosto dos donos temporários do poder — é o inventário definitivo deste romance, habitado, como todos, por personagens dolorosamente conflitantes como a geração americana que viu seus sonhos de fartura numa sociedade aberta serem jogados no lixo de uma guerra distante e, politicamente, errada.

Repetiu-se, em escala de sociedade, o drama do 7º Regimento de Cavalaria em Big Little Horn, no ano de 1876. Lá, dos índios sobraram muitos, inclusive Crazy Horse para contar histórias. Do 7º, ficou a legenda. De Custer, o mito. Agora, um super-Custer, planejado, computado, vorazmente impessoal, lançou toda a sociedade democrática americana numa garganta regorgitante de índios. A história dos tempos atuais é mais ágil e mais desumana do que a história dos tempos do *western*. Desta vez não sobraram nem lendas, nem mitos. Os que morreram com suas botas calçadas, morreram em vão. Mas a história de hoje se é mais desumana e impessoal é também mais verdadeira e mais rápida em seus julgamentos. E o relatório publicado no *New York Times* é somente o atestado primeiro desta verdade. O que acontece é que lá estão os nomes. E o trágico é que nós convivemos com estes nomes em cada jornal diário que abrimos. Custer, afinal, foi mais heróico. E menos perigoso.



CAPITÃO GRASH

MORENO - BRASIL

LF Veríssimo

A BIBLIA REVISTADA - III
A ÚLTIMA CENA

O DO MEIO
É GORJETA
CERTA



PROGRAMAS

LAMENTÁVEL
LAMENTÁVEL.
NÃO PODE
CONTINUAR



O EROTISMO
TOMOU CONTA
DO CINEMA

NA SEMANA
PASSADA LEVEI
A PATROA
AO CINEMA
QUATRO VÊZES



UM FILME PIOR
QUE O
OUTRO.

UMA
POUCA
VERGONHA!

ESCOLHEMOS OS
PROGRAMAS
A DEDO.
PRIMEIRO,
"CANALHA NUA"



DEPOIS
"MEMÓRIAS
DE UMA
CAFETINA SEM
VERGONHA"

PENSAMOS QUE
"TÉCNICAS SEXUAIS
NA SUÉCIA DE
HOJE" FOSSE MELHORAR,
MAS QUAL: ERA PURO
SEXO



FINALMENTE
FOMOS VER
"TODO MUNDO
NU, DEITADOS
E FRONTOS
PARA O
BURURU"

A PATROA AINDA
DISSE: ESSE
É COMÉDIA,
NÃO PODE
SER OBSCENO.
MAS ERA



O PÚBLICO ESTÁ
SENDO
LUDIBRIADO



**COME
HERE**

SAIBA RESPONDER A ALTURA I.
COMUNIQUE-SE COM O MUNDO.
FIQUE POR DENTRO FALANDO INGLÊS.

TURNOS. MANHÃ, TARDE E NOITE.



INELI

Instituto eletrônico de línguas

Rua Professor Annes Dias, 112 8:9:10:andares.

Fones-2585 68-2585 69





TATATA

Para Osvald Lopes de Tatata: O Conjunto New York Pro Musica, já estive, sim senhor, em Porto Alegre, tocando numa reitoria soenolenta porque não havia nem Chopin nem Beethoven no programa. Talvez Osvald fizesse parte das presenças ausentes.



Helinho, que nas vagas horas é Wollfried, completou dezoito aninhos no reago de mamã Rachel, que não é Welch. As comidas vieram diretamente dos kibouts, era bolinhos de chain wasserman, cocadas de Matzelva, croquetes de mosh dayan, e tortas golda meyer. As bebidas de proveniência desconhecida se apresentavam em garrafas de Vat 69, Chivas e Maltone-Caxias, usque ganho em recente programa da terra das parreiras. Luís Antônio Dauth sobre comodíssimos sofás recitava prenda minha ou qualquer coisa que valha, do jaez tradicionalista, à guisa de ausência, Glauco Saraiva mandou dois matambres que foram consumidos na hora. Também seu Otto, mestre da Censura grande amigo meu, estava lá com o delegado, e antigo colega de lides jurídicas, Mathias Flach.



Será que as (grandes fortunas?) porto-alegrenses deixarão escapar o Duke Lee que Yara Pascal de Kraft está vendendo na Galeria do Leopoldina?

Onde estão os Manuel Pedro dos Reis? Dove sonno i mecene?



LUIZ AUGUSTO, PROMETEU MAS NÃO CUMPRIU, A GRANDE ENTREVISTA MAS ELA VIRÁ, ELE TEVE AQUI UM VOL-AU-VENT NA CASA DE SUAS ANTIGAS AMIGAS MESMO. O FIM DA NOITE FOI SEMPRE NA CASA DO CARLOS HEIORR, A FORJA DE VULCANO.



A serena beleza de Dona Aline Faraço, no ton-sur-ton das cores de outono, contava à jornalista Gilda Marinho (recamada de jóias) a recente eleição (por unanimidade) do reitor Eduardo Faraço à direção da CAPES no Rio. Graças a Deus mal-entendidos foram desfeitos e todo mundo ficou contente. Aleluia et gloria in excelsis Porto Alegre.



Aquela graça de senhora que é Anitinha Baldinger Oppenheimer quer contratar os serviços de minha batucadeira para guias de fecha-corpo e breves-de-pano vermelho. Será que alguém tão linda como ela precisaria disto?

Todo caso vou dar força e qualquer dia iremos em mãe Elaine que já fez trabalhos até para Mary Bethânia. Saravá cavalo de Oxossi!!!



PARA GASPAROTTO DO TATATA: A ÚNICA PESSOA QUE ESTAVA DE MAXI-COAT DE FOCA NO TEATRO LEOPOLDINA ERA EU, MADE IN HOLLAND E COMPRADO IN AMSTERDAM BY MY SELF. TÁ? QUE LUXO E OSTENTAÇÃO!

Noivado do Doutor Milton!

Meu amigo e amigo da Adelita Boss numa tresloucada noite, lá nos céus do Jaguaribe, entre um Bourbon e um Drury's, resolveu noivar.

Convidados os maiores expoentes da medicina galênica atual, psiquiatras, psicofísicos, proctólogos, astrólogos, psicógrafos e coprófagos, das mais distintas religiões e credos, lá estavam, sobre aquela maravilhosa tapete branco de pele de carneiro da Bielorrússia. A família Jacobson desgarrada daquele irmão maravilhoso, compareceu para averiguar a fortuna considerável do Doutor Milton. As várias servas domésticas, herança da heráldica tradição portenha, serviam os conapê de Culex Adrophabis, patê de foie com hepatitis (produção raríssima que só os médicos conseguem).

Alain Deion (convidado que não compareceu) fez-se representar por Borsalino na electrola manual (Zenith anno 34).

Como a noite já adentrava e a coelofação resolvendo subir uns graus a mais, algumas convidadas retiraram os máxias e mostravam maravilhosos colêtes de gesso, ricamente bordados de missangas.

Petrucci telefonava do Rio a fim de parabenizar o noivo, Dona Lucia Oppenheimer, convidada à última hora, por telefone compareceu.

Dona Olga Reverbel prometia por telegrama Western-International montar com as meninas do Instituto de Educação e o Auxílio de Dona Dinah Néri, a nova peça infantil «I Promessi Sposi» de Manzoni.

As comemorações já ultrapassavam o grau de sociabilidade e a galinhagem foi geral, mudou-se então de ambiente: Bar Top-Top.

Limbezinhos corriam entre tangas soluçadas, foi pedido ao Doutor Milton que executasse algumas marcas ao piano, sua modéstia não permitia, pois só toca para duas mil pessoas e sempre no exterior, suscitou-se então um exame gastroenterológico no cozinheiro, nisto negou-se ele preemptricamente, pois só em seu consultório e com hora marcada! No final da noite estranhos bilhetes já chegavam à mesa: Tatata Pimentel & Cia. Cr\$ 554,00!!!

Per aspera ad astra ou The path of the glory.

Paguei, e agora com que dinheiro ia ver a Ella???

Num gesto magnânimo Doutor Milton Pecis Abramovitch convidou-me e pagou-me a entrada. Alea jacta est e agora ele será glorificado.

Pois quem paga ao PATO pelo PATO será exaltado! Fins

Dona Margarida de Abreu Pereira Kroeff conta-me às gargalhadas, de certas Senhoras «De Sociedades» que reprovam aparecer o nome no Patomacho; aconite, queridas amigas, que, nome aqui neste jornal tem de ser nome muito bom de gente muito boa, e com sense of humour. Chega de patrocinair muquirana, mulher burra que só sai em jornal por que comprou um vestido novo, e mesmo assim eu acho que foi reformado. Ou então daquelas que só querem fotografia posada, maquilada, retocada, rebuscada, remocada. Mulher que é bonita tira fotografia até lavando o chão. Veja a mulher mais linda de Porto Alegre que é Livia Chaves Barcellos, a mais simpática que é Yara Pascal de Kraft, a mais simples que é Kity Kroeff, o resto, Meu Deus, tem de se pensar...



A GRANDE HILDA DO BARROQUINHO DISPOSTA A DAR UMA GRANDE CARTADA NAS BOATES DA NOITE. POR ISTO QUEM ESTIVER PRECISANDO DE UMA CAIXA-MONTEADA QUE JÁ TRABALHOU NAS MELHORES CASAS DE BUENOS AIRES, É SO CHEGAR ATE LA.



Ser um caçona é uma glória. E os alemães até já criaram uma palavra que é o Kitsch, mas querida amiga não confundida com cafalesse, muquirana, bagaceiro, grosso, besta, pederasta, periferico. Por esta razão, meu amigo Felix Araújo Santos, vai fazer uma noite Cafonália na casa do Rui Sommer. E nós todos estamos sabendo muito bem quem é o casal ganhador, c'est-à-dire, o mais caçona não mereceria ir a Faria. Mas isto é coisa que Luis Augusto mandará dizer do Rio de Janeiro. Minha colega Lalá Santos organiza, claro que será in benefacere, minha idéia pegou mesmo e Angela Maria será coroadá rainha. Glória in excelsis butiquinis, aos homens de boa cafonalia.



Sidney d'Alencastro Guimarães, primo do Sgrell, recebe amigos mais íntimos no up-stairs do Barroquinho, tratando da reformulação arquitetônica da casa.

DAS ENTRADAS NO TEATRO & OUTRAS PASSARELAS (DE SOCIEDADE)

Tôdas estavam de maxi, todas estavam de moda, e tôdas estavam de bota. Os coques eram todos Fernandinho. Tôdas tinham crédito na Casa das Sêdas, algumas (poucas) com os avisos assinados pelo Rafael Strougo do atraso da prestação. Tôdas usavam tude, e algumas, peles plásticas. Os senhores, sempre do Clube Um, cinza bancário ou azul corretor, as gravatas indo do preto funebre ao preto luto. Alguns tresloucados hippies, carmen mirandamente balagandados agrupavam-se sob a proteção dos quadros da Yara.

Felizmente entrou Dona Maria do Couto Araújo Corrêa de maxi-amarelo e já alegrou a multidão. Sandra Garcia em azul Ypiranga só mostrava a aliança tresluzente do noivado. Gasparotto gritava para Emilinha Marvão que cabelos de homem compridos já estavam fora de moda (claro que ele tem o direito e a opção de isto dizer) Minha amiga Doutora Dulce Brasil de lembranças senegalescas, usava finalmente suas peles européias ao lado de Rejane Filippe. Mas a glória mesmo era Yvete (mulher e atriz que muito amo), prometido que será glorificada em effigie de praça pública, pelo charme dos óculos, daquele maravilhoso nariz adunco, daquela cara triangular que já fez o charme de Marlene Dietrich, prima do Gilbertinho.

INTERVALO

As opiniões dividiam-se quanto à categoria do espetáculo. Eine-damen bonita, jovem riquíssima mas burra a dar com um pau, reclamava da pobreza de coreografia do balé senegalês, queria ela muitos cisnes e príncipes pelo palco, em fouetés e entrechats, o marido, grande formigão da noite achava que o espetáculo valia pelos negros peitinhos, isto que era arte!

Como já se fazia tarde e o espetáculo não terminava muita gente foi ver o último capítulo de Irmãos de Alguém em casa, onde se lê sobre a televisão «o mundo não vale meu lar». Outras mais acostumadas à Telextrinha que aos tam-tam senegaleses tapavam os ouvidos onde estavam os grandes brinco de strass da Slopier. A saída decorreu calmamente pois era mais uma oportunidade de ser vista. O balé senegalês dirigiu-se simpaticamente à Floresta Aurora onde foram recepcionados os bailarinos e bailarinas.

jazz

MAS ESPETÁCULO DE ELLA, A MULTIDÃO AGLUTINOU-SE À PORTA DE SAÍDA, LÁ, A GRANDE DECEPÇÃO, ELLA NÃO MOSTROU NEM O NARIZ, DECEPCIONANDO AS BONECAS QUE SERIAM AUTOGRAFADAS, MUITAS CHORARAM, POIS QUERIAM QUE DONNA ELLA FOSSE TOMAR UM DRINQUEZINHO NO ESPLANADA, OU, OUTRAS DE MAIS HERÁLDICA TRADIÇÃO OFERECERIAM UM CARRETEIRO COM VINO FRANCÊS. FELIZMENTE DE PAULO AUFTRAN SÓ EXISTE UM...

Finds a noite fomos com o trio do Flanagan tomar e comer coisas na casa do Rui Sommer, que mais uma vez recebe o que há de melhor em Porto. É, quem não tem Ella caça com eles...

The Ende sem bis nem People

**trabalhamos toda a
semana para que você
tenha um**



**Feliz
Domingo.**

Três horas do melhor show de TV,
no único programa local de longa duração!
Das 6 às 9 h. com

IVAN CASTRO

 frente de astros, estrêlas, convidados.

TELEVISÃO
DIFUSORA 10



Estou escrevendo um livro chamado «A Guerra no Bom Fim» que começa da seguinte maneira: «Consideremos o Bom Fim um país — um pequeno país, não um bairro em Porto Alegre; limitava-se ao norte com as colinas do Moínhos de Vento, a oeste com a Colônia Africana...» Uma das dificuldades que tive foi situar o Serafim neste bairro, neste país. Como defini-lo? Como bar e salão de «snooker»? O Serafim era mais do que isso. Entreposto comercial, bóia de valores, centro comunitário?

Esta dúvida hoje já não cabe. O Serafim, tal como era, não existe mais. O Bar Bom Fim, ou «Fedor», ou «Shtink Palece» (para os «góim»: «stink» é a palavra idiche para fedor) deu lugar a estabelecimentos mais respeitáveis: uma churrascaria, uma tabacaria. Sem fechar as portas, o Serafim simplesmente deixou de existir.

As portas do Serafim jamais tinham se fechado. Abertas dia e noite, o desuso emperrou-lhes irremediavelmente os gonzos, que só cedaram às pressões históricas. Quando da morte de Getúlio Vargas a turba-multa (ainda existe esta palavra?) percorreu a Avenida Osvaldo Aranha deprimindo as casas comerciais (esta frase toda tem gosto de 1964) que estavam abertas. No Serafim a expedição punitiva defrontou-se com as forças da lei. Seguiu-se um tiroteio; centenas de garrafas foram destruídas, quatro pessoas morreram, uma empregada ficou muda de pavor — e as portas se fecharam.

O primeiro salão do Serafim destinava-se aos apreciadores da conversa mansa e do bom café. O café do Serafim era um dos melhores da cidade, e, apesar do

evidente prejuízo para o dono, podia ser tomado nas mesas. Bons negócios foram feitos entre o vapor das xícaras.

O segundo salão tinha funções vitais: nele estavam as mesas de «snooker». Ao fundo ficava um mictório permanentemente alegado, o que obrigava os usuários a urinar de uma distância mínima de quatro metros, excluindo assim os prostáticos da frequência

uma vez, quando o levaram ao antigo Prado e o colocaram sobre um cavalo que saiu em disparada. O mudo fez vibrar as cordas vocais do pobre homem: «Atacal» — gritava ele. Ficou assim demonstrado que pelo menos uma palavra — «Atacal» — pode ser pronunciada até por um mudo. Já pensaram na força que tem esta palavra? Já imaginaram que ilações — para o futebol,

Serafim a dietética tinha princípios próprios.

No Serafim a gente encontrava o «Carlos Gomes», o «Bojão», o «Gambá», o «Mexe-Mexe», o «Zebu», o «Chiclé». Brancos e pretos, «góim» e judeus, viviam em perfeita harmonia no Serafim. Os «góim» inclusive aprendiam a falar «idish», acreditando talvez que assim subiriam na vida mais depressa. Lado engano. O «idish» era a forma, não o conteúdo; o tom, não a melodia.

É claro que às vezes havia desentendimentos; nestas ocasiões os tacos de bilhar se transformavam em armas. Terminavam sempre quebrados, o que, dá uma idéia de consistência do crânio dos jogadores de «snooker».

O público do Serafim era amável e prestativo. Certa vez o Grêmio Esportivo Israelita foi convidado para uma partida amistosa no interior. Na hora do embarque, porém, só apareceram oito jogadores e o técnico, Waldemar. Este não se deu por achado; junto com Abrahão Finkelshteln foi ao Serafim. Era madrugada ainda e eles encontraram dois cansados proletários dormindo sobre as mesas de bilhar. Despertados e animados pela promessa do churrasco, os dois se incorporaram à caravana, fazendo uma rápida carreira futebolística. Assim era o «Fedor» na época áurea do Bom Fim. A coletividade judaica era formada em sua maioria por imigrantes pobres — vendedores de gravatas, «cliantelticks» (vendedores a prestação), mercenários, sapateiros, que se confinavam no bairro. Depois da guerra, eles progrediram, atravessaram a fronteira sul — a Avenida Osvaldo Aranha — para ir morar em ruas recentemente urbanizadas — Au-

gusto Pestana, Jacinto Gomes, parte nova da Ramiro. Depois subiram para Petrópolis, depois foram para os Moínhos de Vento. É possível que completem este movimento circular e voltem ao Bom Fim, mas este não será mais o mesmo, assim como o Serafim sempre foi único. Havia outros bares no Bom Fim; o Bar João, por exemplo. Mas era diferente; até profissionais liberais frequentavam o Bar João. A maneira de Paulo Mendes Campos: o Bar João era Mozart; o Serafim era Bach; o Bar João era Czerny, o Serafim era Van Gogh; o Bar João era Tolstói, o Serafim era Dostoiévski; o Bar João era o Grêmio, o Serafim era o Colorado; o Bar João era Philip Roth, o Serafim era Malamud.

Nos domingos pela manhã ainda se encontra diante do Serafim um pequeno grupo de pessoas (é o que, no Bom Retiro, se chama «pletas») — bolinho; são os remanescentes do velho Bom Fim.

Há um conto judaico de Peretz sobre um rabino que sempre desaparecia no Iom Kipur, o Dia da Expiação, dia em que qualquer judeu, e principalmente um rabino, é obrigado a ficar na sinagoga, jejuando e orando. Diz-se que o rabino ia para o céu. Um «litvak» (lituano), homem cético, resolveu segui-lo e descobriu que o rabino, em traies do Iom Kipur, ia à floresta cortar lenha para uma pobre velha. Perguntaram depois ao «litvak» se era verdade que o rabino subia ao céu.

— E talvez mais alto! — respondeu ele.

Se é verdade que o «Fedor» morreu, seu espírito, por acaso, subiu ao céu?

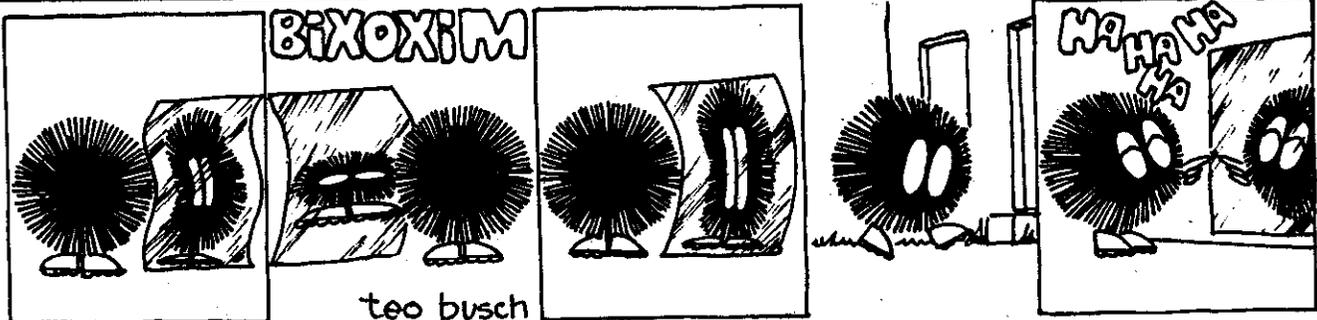
E talvez mais alto!

FEDOR

a este salão. A mesa que ficava perto do mictório era conhecida por «mesa do miço» e repudiada por razões óbvias.

Dentro do Serafim movia-se toda uma fauna típica; algumas das pessoas que a compunham são hoje lembradas só pelos apelidos. O «Mudo», por exemplo era um caso raro; o único homossexual, talvez, que sempre trabalhou em silêncio. É verdade que o mudo falou pelo menos

para a política, para a arte da guerra — se pode tirar deste fato? O «Mijogai», louco por apostas, ficou com este apelido por causa de expressão que usava habitualmente: «Mi jogai (su jogo) qualquer coisa». O «Ballarina» só passava a taca, pão e manteiga; no Serafim a média era conhecida como «Ballarina». O estado nutricional de homem preservava bem com esta meagera refeição; o que prova que no



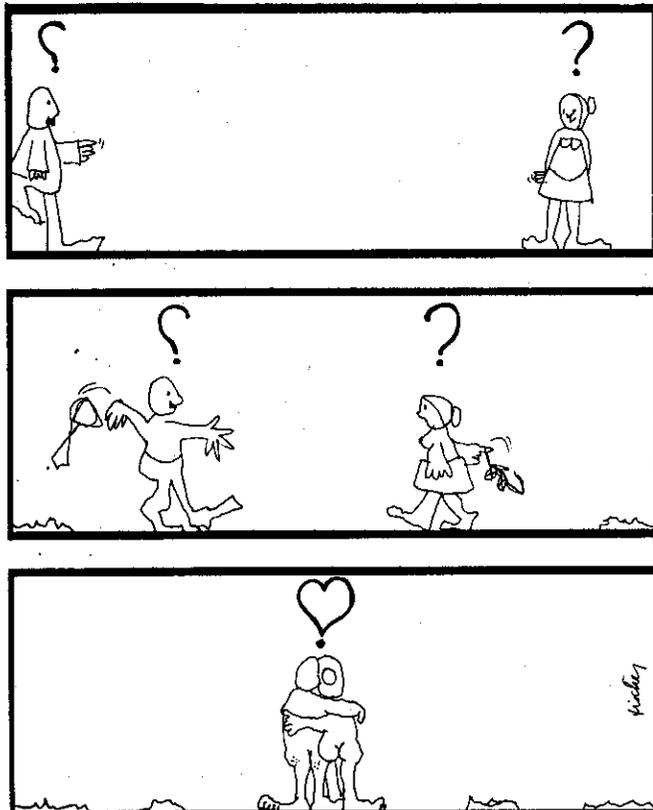
Ruy Carlos Ostermann

A jagada que me fascina é a da linguagem. É isso que é um paradoxo — no esporte, a linguagem é o do corpo e esta não se expressa por palavras. É preciso ler com urgência Norman Mailer: a luta de box é um debate rápido entre dois equipamentos diferentes. É rápido porque é travado com o corpo em vez da mente. Fica claro que a palavra, ou seja, isso que expressa oral ou gráficamente o pensamento, é devagar. O corpo é agora, e por isso todo mundo está descobrindo o corpo, e nos dois sentidos: olham e não se arrependem do que vêem e todo mundo está cada vez mais entusiasmado com a descoberta que faz: que ele funciona magro corpo, é claro. Este é o campo da ação do homem, então são escombros ou construções, — aqui vale o maniqueísmo só para a gente logo seguir em frente. Mas as formas e os gestos ancestrais que o corpo vai demarcando nesta ação revelam, em blocos significativos, primeiro que esta ação não é um movimento qualquer (a mãe que no século passado ia para debaixo da cama tinha uma significação sócio-cultural precisa: ia buscar a penica, símbolo do pragmatismo doméstico porque indicava, atrás de um ranque de árvores e na parte mais setentrional do pátio, a existência do cabungo que, por sua vez, era o demonstrativo do estágio de vida quase urbano — não existia rede de esgotos, e assim por diante, tudo muito significativo e pertinente) e, segundo, que a ação corresponde intimamente a esta outra inteligência que é a da mente, correspondente e mais: é a matriz de todo o pensamento. Não é preciso recorrer à fenomenologia de Husserl para lembrar apressadamente que a consciência sempre é consciência de alguma coisa, e que, portanto, por ela mesma a consciência é uma *, ela só vale metendo os caras, quebrando a cara, enfim, como o cara em ação faz diárinamente para continuar sobrevivendo.

Enfim chegamos onde eu quero: a ação é o mundo e a palavra é a compreensão do mundo. Mas, cuidado Ruy Carlos Ostermann, todo o ar pretensioso revela apenas um pouco mais de fratulência. A ação também ela é compreensível, a experiência, por exemplo, é uma ação compreendida, certo? Certo. Então estamos livres outra vez da pretensão bobaca que a gente aprendeu na Fac. de Filo, aqueles arrotos espiritualistas todos, aquela prisão de ventre metafísica, é agora, é a agora, olha a transcendental, e como no caso da imagem escolhida por este autor, era rebate falso, não se via nada, ou, para ser mais preciso e ao mesmo tempo mais metafórico, de cima nada caía em baixo. Como se pode perceber estamos mais do que livres, estamos limpas. A ação, quer dizer, ir para a cama,

etc., etc., até chegarmos às formas mais coletivas e públicas deste nobre esporte original, como o futebol por exemplo, é uma ação compreensiva porque é uma ação seletiva, de escolha, de rejeições (outro dia um redator do CEPEGE escreveu «Não (como diria o Ruy Carlos Ostermann).....» e me fez um tremendo elogio na certeza, suponho, de estar fazendo uma graça) e, por certo, de afirmações. A palavra é Norman Mailer pensando Cassius Clay transformado em Muhammad Ali pelo líder negro Malcolm X e escrevendo «Ah sempre achou obscuro lavar socos. Quando batia, mostrava a delicadeza de quem põe um selo», quer dizer, é uma vitória da palavra reavaliando a ação e dizendo mais do que ela é: abrindo perspectivas mais largas de compreensão, a grande literatura é uma espécie de LSD lúcido. E a grande literatura não é apenas aquela que está nos grandes livros, isso tudo que estou citando de Norman Mailer, vocês sabem, foi publicado num livro como a revista «Life». A arte de nosso tempo, indiscriminada e de difícil localização, é assim porque estamos todos nós assanhados demais com a vida, e tudo que se move nos parece ser a plena confirmação da existência vegetal, humana, mineral, exige um pouco de sacrifício, um pouco de demora, quando não exige um pouco mais de saca.

Mas agora já sinto o «trasspassing eyes» do Pinheiro, novo Editor do «patos», jornal que adota como conduta editorial a liberdade de opinião, um «trasspassing eyes» com todas as suas implicações atávicas e escatológicas — e o futebol? Onde ficou? — sou obrigada a confessar que ficou na dobra de alguma frase, que foi uma intenção se perdendo, foi um ato falho em contínua reestruturação, mas que nem por isso é uma vida que rejeito ou renego, afinal, o cara viu a montanha e achou que ela tinha algum interesse ou que ao menos lhe interessava naquele momento, e foi subindo, pensosamente mas foi subindo e, embora pensasse muitas vezes — «mas o que estou fazendo aqui?» — ele continuou ou teve de continuar (o que dá exatamente no menos) subindo, e quando, mais tarde, passado o tempo que ele talvez não quisesse ter gasto naquilo (e os livros, Heidegger, Kant, Sartre, Marx, Freud, Reich, e as pinturas, e os amigos, e a filosofia, e a psicologia e a renomada carreira universitária) quase lavado a uma autocrítica severa e implacável, só então o cara percebeu que a montanha era o vida e a escalada era a sua experiência desta vida, e o cara ficou pensando muito em Herman Hesse e achou que estava tranqüilo e, de uma certa forma, feliz.



fischer

rádio continental 1120 khz o som nosso de cada dia





EU QUERIA TER A PERSONALIDADE DO AFONSHINHO

(VALMIR)

Teté — Me diz uma coisa Ari, o que te caracteriza como jogador?

Ari — Eu acho que me caracteriza, (acentua o 'eu acho') é que sou um jogador regular.

Vavá — Não, Ari. A Teté quer saber de que tens fama diante da torcida e entre vocês mesmos?

Ari — Bom, então talvez seja o meu espírito de luta.

Teté — Mas no caso, espírito de luta não é sinônimo de violência?

Ari — O jogador tem que ser duro, mas antes de tudo, tem de ser um cara tranquilo e, eu acho que dentro da equipe do Grêmio, eu sou um dos caras mais tranquilos.

Vavá — Às vezes, o jogar duro exige um pouco de deslealdade por parte do jogador ou não?

Ari — A maioria joga duro na bola, porque se não fizer isso o jogo fica todo com o adversário. Todo o jogador de defesa deve ser duro, mas leal.

Valmir — Se me perguntassem o que caracteriza o Ari, eu diria que é viril, mas nunca violento ou desleal.

Essa opinião depende de onde vem. Por que se parte de um grêmista é uma, e de um colorado é outra.

Teté — Mas por que esta distinção no caso de um jogador?

Ari — Acontece o seguinte: quando eu jogava no Inter, a torcida do Valmir me adorava e a do Grêmio me detestava, e agora é o contrário.

Vavá — Acho melhor entrar direto no que nos interessa. Tu Ari, tens fama de um jogador violento, isso é verdade?

Ari — Bem, cada um carrega uma cruz.

Valmir — Eu falei antes em virilidade, porque acho que é necessário entrar duro. Eu também me considero viril, porque joga duro mas nunca com intenção de mandar um para o hospital.

Ari — Qué vé uma coisa? Se fiz um retrospecto de todos os meus jogos anteriores, eu nunca machuquei um jogador que ele não pudesse treinar no dia seguinte.

Vavá — Mas e no caso do Claudiomiro, no último Gre-Nal o que foi que aconteceu?

Ari — Não foi comigo, o lance foi com o Jair. Ele pulou e o Jair caiu por cima dele. Eu nem estava no lance, pra ver como a fama é. Foi uma bola pelo alto.

Teté — Mas sei que o Claudiomiro saiu machucado...

Ari — Mas não por mim.

Teté — Eu sei que entre vocês, já há uma certa briga, e o Claudiomiro andava meio chelo...

Ari — Não, a questão é que eu marco o Claudiomiro, devido a posição. Então nós sempre estamos preocupados um com o outro. E sempre fazemos falta um no outro.

Vavá — Se tivessemos então que mudar alguma regra no futebol, seria essa do zagueiro e o atacante?

Ari — Na minha opinião, essa lei é errada, do zagueiro não poder agarrar o atacante. Se ele dá um pontapé é válido. Se ele agarra, já recebe o cartão amarelo e vai pra rua. Já aconteceu comigo de eu agarrar um jogador e ele ficar invocado. Então a gente pergunta se eles preferem que a gente agarre ou dê um pontapé? E o cara diz: pé, mas tu é meu amigo...

Valmir — Eu também mudaria essa regra, como acho que a maioria dos zagueiros mudaria. Pontapé é válido como defesa das cores da gente, para evitar que ele faça um gol na frente.

Vavá — Mas na regra o pontapé é considerado jogo desleal?

Valmir — Mas é aceitável. É tudo uma questão de interpretação. As vezes é apenas um tranco e interpretam como um pontapé. Depende do árbitro.

Vavá — Mas no caso de estarem jogando juntos, Inter e Grêmio, fora do RS, com adversários diferentes, de outros Estados, sem que haja classificação para um ou outro. Para quem torceriam vocês?

Ari — Como jogador de futebol a gente passa por tantos times, que aquele em que a gente está jogando é o time do coração. Mas eu ficaria com o Grêmio.

Valmir — Se não houvesse inconveniência nenhuma com o Inter, ou seja, se não estivesse precisando da derrota do Grêmio, eu torceria pelo Grêmio. Inclusive, sem ser amigo íntimo do Alcindo, eu já briguel por ele no campo do Palmeiras no ano passado, no Robertão. Eu era um gaúcho em São Paulo.

Teté — E quanto ao homem Ari? Como é?

Ari — Sou casado, tenho duas filhas lindas, e uma esposa que me dá uma força tremenda. Na véspera dos grandes jogos ela fica mais nervosa que eu.

Teté — E tuas filhas, já não torcem por algum time, incentivadas pelo pai?

Ari — Eu tento isolar completamente o futebol e minha vida em família, porque quando vejo que crianças de 3 e 4 anos choram porque seu time perdeu, fico apavorado e acho muito errado.

Valmir — Também tenho dois filhos e mais pai e mãe, com os quais sou muito preocupado porque sei que eles dependem só de mim. Qualquer mancada que eu der quem vai sofrer são os meus.

Ari — Eu tento isolar completamente o futebol e minha vida em família, porque quando vejo que crianças de 3 e 4 anos choram porque seu time perdeu, fico apavorado e acho muito errado.

Valmir — Também tenho dois filhos e mais pai e mãe, com os quais sou muito preocupado porque sei que eles dependem só de mim. Qualquer mancada que eu der quem vai sofrer são os meus.

Ari — Eu tento isolar completamente o futebol e minha vida em família, porque quando vejo que crianças de 3 e 4 anos choram porque seu time perdeu, fico apavorado e acho muito errado.

Valmir — Também tenho dois filhos e mais pai e mãe, com os quais sou muito preocupado porque sei que eles dependem só de mim. Qualquer mancada que eu der quem vai sofrer são os meus.

Ari — Eu tento isolar completamente o futebol e minha vida em família, porque quando vejo que crianças de 3 e 4 anos choram porque seu time perdeu, fico apavorado e acho muito errado.

Valmir — Também tenho dois filhos e mais pai e mãe, com os quais sou muito preocupado porque sei que eles dependem só de mim. Qualquer mancada que eu der quem vai sofrer são os meus.

Ari — Eu tento isolar completamente o futebol e minha vida em família, porque quando vejo que crianças de 3 e 4 anos choram porque seu time perdeu, fico apavorado e acho muito errado.

Valmir — Também tenho dois filhos e mais pai e mãe, com os quais sou muito preocupado porque sei que eles dependem só de mim. Qualquer mancada que eu der quem vai sofrer são os meus.

Ari — Eu tento isolar completamente o futebol e minha vida em família, porque quando vejo que crianças de 3 e 4 anos choram porque seu time perdeu, fico apavorado e acho muito errado.

Valmir — Também tenho dois filhos e mais pai e mãe, com os quais sou muito preocupado porque sei que eles dependem só de mim. Qualquer mancada que eu der quem vai sofrer são os meus.

Ari — Eu tento isolar completamente o futebol e minha vida em família, porque quando vejo que crianças de 3 e 4 anos choram porque seu time perdeu, fico apavorado e acho muito errado.

Valmir — Também tenho dois filhos e mais pai e mãe, com os quais sou muito preocupado porque sei que eles dependem só de mim. Qualquer mancada que eu der quem vai sofrer são os meus.

Ari — Eu tento isolar completamente o futebol e minha vida em família, porque quando vejo que crianças de 3 e 4 anos choram porque seu time perdeu, fico apavorado e acho muito errado.

Valmir — Também tenho dois filhos e mais pai e mãe, com os quais sou muito preocupado porque sei que eles dependem só de mim. Qualquer mancada que eu der quem vai sofrer são os meus.

Ari — Eu tento isolar completamente o futebol e minha vida em família, porque quando vejo que crianças de 3 e 4 anos choram porque seu time perdeu, fico apavorado e acho muito errado.

Valmir — Também tenho dois filhos e mais pai e mãe, com os quais sou muito preocupado porque sei que eles dependem só de mim. Qualquer mancada que eu der quem vai sofrer são os meus.

Ari — Eu tento isolar completamente o futebol e minha vida em família, porque quando vejo que crianças de 3 e 4 anos choram porque seu time perdeu, fico apavorado e acho muito errado.

Valmir — Também tenho dois filhos e mais pai e mãe, com os quais sou muito preocupado porque sei que eles dependem só de mim. Qualquer mancada que eu der quem vai sofrer são os meus.

Ari — Eu tento isolar completamente o futebol e minha vida em família, porque quando vejo que crianças de 3 e 4 anos choram porque seu time perdeu, fico apavorado e acho muito errado.

MARIA TEREZA ELI (ATETÊ) E VAVA' D'ARRIAGA ESTREARÃO PRA VALER COMO REPORTERES DO PÁTO. NA SEMANA DO GRENAL ENTREVISTARAM (ESCOLTADAS PELO PINHEIRINHO) O ARI, DO GRÊMIO E O VALMIR, DO INTER, QUE CONTARAM QUASE TUDO



Pinheirinho — Parece que não vais jogar o Grenal... Vai entrar Scala.

Valmir — A gente fica sabendo se vai jogar ou não muito em cima do jogo, mas sempre se sabe. A gente já fica preparado para jogar ou não. Eu não sabia desta notícia, mas se o Scala vai jogar no meu lugar, é porque os dirigentes acham que ele está rendendo mais do que eu. O Scala foi da seleção, é um capital do clube.

Teté — Se não fosses jogador de futebol, o que serias?

Valmir — Não é para rasgar sêda, mas eu seria jornalista, gosto muito de escrever...

Ari — Pois eu, queria a minha saúde, a minha idade, mas ser Onassis.

Pinheirinho — Vocês não jogam na Loteria Esportiva?

Os dois — É claro, jogamos, e para Grenal sempre fizemos o triplô.

Teté — Qual a tua opinião quanto a observação que o Oto Clória fez de ti, te considerando um jogador medíocre?

Valmir — Eu respeito a opinião dele, se é que ele falou isso, porque acho que ele opinou sobre o jogador Valmir, e não sobre o homem Valmir. Sendo assim, ele não me ofen-

deu diretamente. Mas eu não me considero um jogador medíocre. Pelo contrário me acho bastante útil.

Teté — Sendo muito amigo do Flecha, como tu és, tu não vibras com uma jogada bonita dele, quando em campo juntos?

Valmir — Na hora não, depois no tape sim. Guerra é guerra. Por exemplo no último Grenal o Flecha teve um lance genial, mas eu não senti nada de alegria, pelo contrário. Na hora até achei feia a jogada.

Vavá — No caso de um frango, a torcida não perdoo o erro do goleiro. E vocês?

Valmir — A gente sempre entende o companheiro, porque muitas vezes a torcida não vê um ocorrido que muda o rumo da bola e que desnoiteia o goleiro. A gente é humano, mas a torcida não é humana com a gente. Pensa que o jogador é um autômato, uma máquina que deve entrar para o campo sem pensar na filha que está doente e que há 2 dias não sabe notícias. No caso do Sérgio por exemplo, é um jogador que a gente tem que estar puxando por ele, porque pela sua humildade em campo, sofre que não é mole. Na minha rua me chamam de mascarado porque eu não converso de bola fora do campo. Mas o torcedor não entende que assim é que deve ser. Eu entendo o torcedor porque meu pai e minha mãe são torcedores.

Vavá — O que vocês fazem com o dinheiro que ganham? Também pegaram a febre da 'Bóla?

Ari — Eu tenho um táxi na praça e quero pôr ainda outro.

Valmir — Eu tenho algumas ações, mas não entendo nada, e nem olho no jornal a que altura elas andam porque se baixam eu fico apavorado. Minhas ações são Actis e Banskulvest.

Pinheirinho — Quanto ao movimento de sindicalização dos jogadores, qual a posição de vocês?

Ari — Eu acho que no Brasil, o futebol é a maior força, e o jogador nem imagina a intensidade dessa força. Só se nós fôssemos uma classe mais unida é que valorizaríamos. Veja só, o nosso país ficou internacionalmente conhecido foi pelo futebol mesmo. Os jogadores que teriam força total para iniciar um movimento de melhoria para os futebolistas. Não se preocupam com tal, e não se preocupam porque eles estão com a vida tranquila.

Vavá — E o Dino Valmir, como ele é?

Valmir — Como técnico ainda não posso dizer nada porque tenho muito pouco convívio com ele, mas com pessoa é muito legal. É mais fácil eu aceitá-lo como ele é, porque se eu for me aprofundar nele talvez eu vá achar defeitos. Já o Daltro, eu trabalhei com ele dois anos, e me senti inclusive desamparado porque ele me dava muita força. Não que o Dino não esteja me dando apoio, mas fiquei desamparado.

Teté — E o Oto, Ari?

Ari — É um cara de muita tarimba, com tantos títulos e tantos anos em futebol, deixa a gente tranquila e confiante. Fazia tudo o que pensa doa a quem doer, e deixa que a gente faça o mesmo. Existe diálogo e simpatia entre técnico e jogadores. Antes nós concentrávamos na quinta-feira para jogar domingo, com o Oto concentramos sábado e também após os jogos.

Teté — O que vocês acham do Afonshinho e de toda a briga dele para usar barba, cabelo comprido?

Valmir — Eu acho o Afonshinho um grande cara. Eu queria ter a personalidade dele. No sentido da liberdade que ele tem, a falta de comprometimento com família, etc. Às vezes eu deixo de dizer e fazer o que penso, e acho certo, porque tenho que me preocupar com as consequências, com os meus irmãos, meus filhos e meus pais que dependem de mim.

Ari — O Afonshinho é genial. Aquela barba ficou muito bem para ele. No Placar até saiu uma foto ótima, ele com os olhos azuis e aquela barba, o cabelo comprido.

Pinheirinho — E o doping?

Valmir — Uma vez eu quase me dopel, sem querer. Jogava num clube do interior, era menino ainda e antes de um jogo pedi um comprimido para dor de cabeça. O massagista me deu o comprimido fazendo muito mistério, fiquei desconfiado. Até que um companheiro me disse que era doping. Quase bati no massagista.

Ari — Eu acho uma tremenda enganação essa comissão antidoping que anda por aí. Eles nunca constatarem nada. A história de fazer a escolha dos jogadores por sorteio para o exame de urina então. Eu me lembro que num jogo, o Loivo e eu fomos escolhidos para fazer o exame de urina. O Loivo só entrou no segundo tempo, estava na reserva.

Ivan — Como é esse negócio de exame de urina?

Valmir — Ora, eles examinam a urina da gente.

Katu — Precisa muito?

Valmir — Uns 50 centímetros. Um tanto assim.

Katu — Não, eu pergunto em termos de mijada.

Valmir — É bastante. Essa foi uma dificuldade para fazer. Eu não apeteci.

EU QUERIA SER O ONASSIS (ARI)



ARI E VALMIR



TETÊ E VAVA: VALMIR É UM GENTLEMAN

Não é Akaba é Uiba. Olha aí, Mello Castro e Banskulvest: cadê pro Valmir e anúncio pra nós!

O NOSSO FUTEBOL DE FARMÁCIA

O QUE DIZ A COMISSÃO ANTIDOPING

O Dr. Carlos Alberto Rockembach é o médico da Comissão Anti-Doping da Federação; sua especialidade é Medicina Esportiva, uma área de desenvolvimento recente dentro da Medicina, na qual se aperfeiçoou através de curso no México e na Inglaterra. É médico da Seleção Guicha.

P. — Quais são as drogas mais frequentemente usadas em nosso meio para a prática do «doping»?

R. — Pervitin, Dexedrina, Stenamina, Ritulina.

P. — Como os praticantes de «doping» têm acesso a estes medicamentos?

R. — Como são medicamentos que só podem ser obtidos mediante receita médica, a colaboração de um médico pode ser necessária; ou então, através de farmacêuticos, enfermeiros ou outras pessoas ligadas à profissão médica. Outra fonte possível é o tráfico ilegal de estimulantes.

P. — É possível que o jogador seja dopado sem o saber?

R. — É. O medicamento pode ser ministrado juntamente com outras drogas; por exemplo, injeções de glicose. Ou ainda, com chás, refrigerantes, etc.

P. — Que condições tem, ou terá, a Comissão para fazer o diagnóstico de «doping»?

R. — O gabinete toxicológico do Instituto Médico Legal, com reagentes especialmente adquiridos, estará à disposição da Comissão para detecção bioquímica das substâncias estimulantes constantes da lista elaborada pela FIFA. O exame é feito na urina, podendo também ser usada a saliva ou o sangue. O material é colhido em dois frascos lacrados; no primeiro se fará a dosagem, e o segundo será guardado para servir de contraprova, se isto for necessário mais tarde.

P. — Qual o critério de seleção de atletas para os exames?

R. — É o critério mundialmente adotado pela FIFA, ou seja, o sorteio de dois jogadores de cada equipe, ou um jogador que a Comissão apresentar sinais visíveis de tar ingerido psicotrópico, o que levaria à realização de exames clínicos, eletrocardiograma e outros.

P. — O que se fará, se for constatado o «doping»?

R. — As sanções não foram ainda regulamentadas pela CBD; mas o atleta, ou os responsáveis pelo «doping», serão processados criminalmente, e enquadrados dentro do que a Federação considera «atos censuráveis» para a prática do esporte.

Nosso trabalho, que está dentro de uma campanha nacional contra o uso de tóxicos, tem finalidades educativas e não punitivas, visando proteger o jogador de elementos inescrupulosos que muitas vezes se aproveitam da ingenuidade dele. O caso trágico de atleta falecido durante competições está aí para mostrar a gravidade do assunto.

O Dr. Rockembach termina dizendo que o trabalho da Comissão visa «não só os atletas profissionais, como também os amadores, que, no afã de conseguir um lugar ao sol na selva do esporte, submetem-se às manobras inescrupulosas de grupos interessados em vitórias a qualquer preço».

Esta é a primeira entrevista que o Dr. Rockembach dá, e ele o faz no sentido de proporcionar dados objetivos a respeito do problema. Entrevista a Moacir Scliar

DOPING DOPING

DOPING DOPING

DOPING DOPING

BOLETAS

Dois repórteres da Fôlha da Tarde chegaram de uma cobertura no interior, um domingo, impressionados: dois jogadores de olhos arregalados, babando, corriam como loucos em campo. Um deles num lance mais violento chegou a bater com o cabeça na trave. Na hora da denúncia, o grande e tradicional problema: como provar depois? E o caso teve que ficar sem divulgação.

Fleitas Salich, atual técnico do Flamengo e que também dirigiu o clube no tricampeonato de 53-54-55, conta o caso de Dida, meia-esquerda campeão mundial de 58 (quando a seleção saiu do Brasil para a Suécia, Pelé era seu reserva). Dida sempre pedia estimulantes ao treinador, que sempre negava. E Dida corria pouco, sem ânimo. Um dia, Fleitas entregou-lhe um comprimido muito misterioso antes de uma partida — na verdade, era apenas uma cápsula com sal dentro. Dida não sabia: correu 90 minutos como um louco, conferiu todas as bolas, queria brigar com todo mundo, foi o diabo.

A história muito desmentida, mas também muito conhecida, do centroavante Paulo Vécchio, do Atlético Paranaense, que, há muitos anos, jogou no Internacional. Numa partida decisiva, em Curitiba, ele marcou o gol da vitória, e pulou muito, os companheiros vieram abraçá-lo, ele correu, entrou no vestiário e saiu correndo pelas ruas, de chuteira, calção e tudo, pulando e berçando.

Em todos os lugares, os exames antidoping sempre acabam, e os trabalhos das badaladíssimas comissões são esfriados, quando aparecem jogadores dopados nos grandes clubes: ninguém é louco de arriscar o pélo contra as potências.

No ano passado, a comissão antidoping que a Federação montou foi desfeita, ou ao menor deixou de funcionar, quando, curiosamente, se registrou aparentemente o primeiro caso do doping. O jogador Lindomar, de Novo Hamburgo, foi acusado pelo químico Danilo Groff, integrante da comissão então já demissionária, de ter jogado dopado. Lindomar alegou que a comissão antidoping o obrigara a ingerir quatro guaranás e que este é que foi o elemento estranho nos exames de urina.

A comissão antidoping entrou em recesso.

O jogo só podia se resolver na abafa. A bola atravessava a área de ponta a ponta, entrava todo mundo, três, quatro numa mesma bola, a cada jogada caíam dois segurando a perna. Num córner, depois de muita confusão, um zagueiro que já era atacante há muito tempo, acertou uma testada na bola que encobriu a «multidão» que estava na área e caiu dentro do gol. Uma tremenda gritaria no estádio, e o centroavante, mais do que ninguém, se atirou dentro do gol, pegou a bola com as mãos, segurou-a bem firme e passou a mordê-la alucinadamente. Foi preciso puxá-lo pelo braço.

O final da partida era também o final do campeonato e a euforia era completa. O que ninguém até hoje entendeu foi como o lateral-esquerdo conseguiu, num salto só, e sem apoio das mãos, pular o alambrado e, numa apoteose, cair nos braços da sua torcida.

O atacante era mesmo muito bom. Entrava a driblar, e saía para todos os lados. A coisa chegou a tal ponto que, num acesso de raiva e impotência, o zagueiro central saiu da entrada da área, convergiu para a lateral e investiu contra o ponteiro. O feito que a coisa tinha, significava que o ponteiro seria rachado ao meio. Mas um dribble desviou o chute que quase inevitável e o zagueiro passou raspando pelo lado, os dois fizeram uma curva fechada e, na passada pela linha de fundo o zagueiro foi mais adiante: arrancou a bandeirinha do córner e saiu em perseguição ao maldito ponteiro.

Era uma correria e de repente o jogador levou uma batida na perna, saltou, caiu de costas e não levantou. O árbitro, na primeira interrupção do jogo, foi correndo atrás. O jogador gemia de dor. O árbitro deu um pouco de tempo. O jogador ulrava de dor. O árbitro ordenou a sua retirada de campo para ser atendido pelo médico e pelo massagista do clube. Mal isso foi feito, o jogador passou a gritar: — Eu não posso sair! Eu não posso sair! — O árbitro levou em conta: — Não tem moca? — E aí tudo piorou porque o jogador já puxava o árbitro pelo gola: — Eu não posso sair do campo, seu juiz! Eu tenho que continuar jogando!

DEPOIMENTO

O Dr. João Otávio Maciel, por exemplo, diz que:

1) As drogas mais usadas são as do grupo dos psico-estimulantes (anfetaminas, principalmente). Outras drogas e meios utilizados para um «pretenso «doping» (oxigênio, glicose endovenosa, etc.) não têm os mesmos efeitos e, provavelmente, atuam mais por razões psicológicas.

2) O uso do «doping» é frequentemente introduzido, mantido e estimulado por dirigentes de clubes. Os jogadores muitas vezes se recusam a isto, pelo temor que as drogas possam prejudicá-los, e são convencidos e pressionados financeiramente.

3) O «doping» é mais frequente entre os times pequenos do que os grandes, e se evidencia pelo excepcional desempenho de jogadores ao enfrentar um adversário de maior categoria, ao passo que em partidas subsequentes, o jogador volta ao seu nível «normal» de atuação, ou mesmo inferior ao normal.



TIPOS E SINTOMAS

As drogas mais usadas como estimulantes pertencem ao grupo das anfetaminas (Benzedrina, Dexedrina). Estas drogas tornam as pessoas mais alertas, reduzem o apetite e dão uma certa sensação de bem-estar. Em medicina são usadas como supressoras da fome, e esta é uma grande fonte para desviá-la para o «doping».

Em geral, estas drogas são tomadas por via oral, mas, às vezes, são injetadas por via endovenosa, quando então o efeito é mais rápido e pronunciado. Frequentemente esta injeção é feita sem cuidados com a esterilização, o que leva a infecções graves e até mortais.

O principal efeito é o aumento da atividade psicomotora; isto é, diminui a fadiga (e faz com que a pessoa a ignore), e também, como foi dito, torna a pessoa mais alerta e eufórica. Em doses maiores começam a ocorrer tremores, dores musculares e grande tensão psíquica. Casos de morte também já foram registrados.

Passada a fase de excitação a pessoa deixa-se deprimida e letárgica e, muitas vezes, recorre novamente às anfetaminas para se sentir melhor. Entretanto, há controvérsia quanto ao fato de as anfetaminas viciarem realmente; há poucas evidências a respeito. Pode haver lesão do fígado, quando as doses são muito grandes; aumento de pressão arterial e alterações no ritmo de coração. Em animais de experimentação demonstrou-se dano cerebral. Do ponto de vista psíquico, sob ação de anfetaminas o indivíduo torna-se irritável, fala muito, fica suscitioso e, às vezes, violento, reagindo impulsivamente. Esta combinação pode levar a comportamento beligerante ou homicida (National Institute of Mental Health, «Answers to the most frequently asked questions about drug abuse»). Drástica perda de peso, desnutrição e déficit vitamínico fazem parte da lista de complicações.

INO FALLOU

... e os jogadores do Inter nacional conta própria no Granel. Dino do gol, deu a terraca néles. no. A rivalidade aqui é muito

ramo que reagiu? agiu, mas os nossos ficaram meio do campo. a que no Granel e desarmo ofen- sional estava diferente, com nge de Claudomiro e o Tovar Brasília ficava sem a jogada vav, pela direita. Gibor tavar avança eles entram nos con- sa se complica. E nessas situa- nar deve saber quando avançar e mindo o estor. A gente procura campo é tudo diferente. Só há mudar tudo no futebol.

quatro goleiras e mais uma bola



na revisão de um trabalho do Dr. que escreveu para o livro "Prin- cipal Medicine" de T.R. Harrison o e a fadiga, que são diferentes suza. Na descrição de algumas tricas em que estão presentes torva-se perfeitamente possi- Sabino, enquadrar a Fenomeno do Inter nacional. A maneira de re explicada pelo fato dele estar siderado pelas manifestações "moleza" de Sergio surgiria como "ressa" a que se submetem constante- ilos sentes e chamado central im- pegeror se afunda cada vez mais se sr o erro de jogada anterior. O técnico pode influir na evolução?

Estou trabalhando muito para in- as mais importantes é o trabalho é torcida. Por exemplo (vira-se leio os seus trabalhos. Os bons faz bem o seu trabalho. Com he-



Fala o Ruy:
- Eu fiz uma afirmação tempos atrás de que a melhor defesa do Roberto tinha sido a sua - Mendes, Ditão, Luis Carlos e Miranda. E daí o exemplo de um jogo, contra o Grêmio, no Olimpico, um a zero...
Dino interrompe.
- O gol foi impedimento
- Mas nem é o caso. Eu dei como exemplo aqú- le gol, que só existiu porque houve a única falha de movimentação de defensiva. O Suinque abriu as pernas no meio campo...
- Você precisava ouvir o que eu disse pra- ãle por causa daquela jogada. Deixar a bola pes- car entre as pernas no meio campo...
- Foi por isso que o Miranda saiu no Helió Pires, o Luis Carlos teve de vir atrás, logo de- pois o Ditão teve de sair de lá e - aí o erro de movimentação - o Luis Carlos não voltou para o lugar dele. O Alcindo recebeu na ponta, cruzou para o Helió Pires que entrava no lugar do Ditão.
- Impedido. Mas em futebol não se pode jogar sem falhas. A perfeição não existe.
O espírito do velho Tetá circoulo pela sala aquecida da rua Felipe de Oliveira.



Ainda o Ruy.
- No brackets a gente corrige muita coisa. Se corrige com treinamento, com insistência...
- No futebol também - diz o Dino. - Mas lá se baixo, com 11, 12 anos, quando se está começando. Depois, adulto, é muito difícil.
- Não há mais o que fazer?
- Não. Se faz alguma coisa. Mas é pouco. Se corrige uns 30 por cento, não mais. Eu, como jo- gador profissional, corrigi muita coisa. Mas se desistindo, indo sozinho ao estádio, por conta própria, bater bola, insistir. É preciso sacrifi- cício. Sem isso, se consegue muito pouco. Eu posso falar, mostrar como é, mas muito depende do próprio jogador. Um jogador para progredir em futebol precisa ser inteligente. Sua inteligência não aprende. Não progride. O futebol não é fácil. Às vezes a gente vê, fala, mas o jogador não en- tende ou não corrige a falha. Outras vezes a gente nem vê. Vem aqui até lá se cima...
O Ruy lembra que no jogo de ACEPA com os ár- bitros argentinos, ficou sentado no túnel.
- O sujeito tá no nível do campo. É um nego- cio muito primitivo. Na Europa, o Otto se falou outro dia, no estádio de Porto, em Portugal, mon- treiras atrás de uma das goleiras uma acomodação especial para os treinadores. É um idôia, só que é preciso modificar os meios de comunicação entre o treinador e os jogadores.
- Há também o piso dos gramados - diz o Dino. Este é um dos grandes problemas do futebol. Nós temos poucos gramados bons aqui.
Dino acha que não se pode tirar a improvisa- ção do futebol brasileiro. Ela deve existir sem- pre. Para o europeu, não. O europeu não sabe im- provisar. Então ele tem de treinar tudo muito direitinho. Se não ele não sabe fazer nada. O brasileiro sabe fazer tudo. É um erro querer que ele não improvise soluções. Ruy pergunta quanto esta improvisação representa em futebol.
- 68, 70 por cento. Às vezes até mais.



Outra lembrança europeia.
- O Henrique, o suco, jogava muito bem futebol. Ele jogava na Itália. Jogou contra mim. E uma vez ele fez uma dessas coisas que não se expli- cam em futebol. A gente aceita e pronto. Meta- ras uma bola na área. Todo mundo teve no seu lu- gar. Uma bola forte. O Henrique entrou assim para bater (Dino faz a ação) mas furpu na bola. E logo que errou, e a bola passou, ele girou e acertou com o outro pé. Entrou na cima do gol, lá se cima. Não ficaram olhando. O que foi? Não foi nada. Bola ao centro e vamos sair de novo. O jogador inteligente, que joga com intelligen- cia, a gente pode prever. Ele faz o certo. Mas o jogador que não é inteligente se vêze é um problema. Você dá o lado para ele e, claro, nin- guém oferece o lado que não seja o forte, o me- lhor. O lógico então seria ele sair pelo lado que a gente oferece. Mas ele faz o contrário. É complicado. O jogador que não é inteligente e gente não pode prever.

Há outro problema para Dino.
- Certos jogadores precisam saber enfrentar a torcida. Depois é que podem jogar. Antes não. Para enfrentar a torcida o jogador precisa ter confiança no que vai fazer. A torcida muda de opinião. O jogador precisa saber siso. Eu se- bio. Eu fui jogador.
Explicar decretos para a diretoria? Não há o que explicar. Contra o 14 de Julho, perdemos, simplesmente.
- Eu não preciso dar explicações. Pra que é que vou dar explicações?



A Barreira é um mal? É e não é, na opinião do Dino. Se for mal feito, é. Sabino opina que a barreira prejudica a visão do goleiro.
- Só se o goleiro não for inteligente. Se ele colocar seu último homem na direção do poste, uma bola com um pouco de efeito, pelo lado, en- tra. Mas se ele colocar um homem além do poste, só entra um chute com muita curva. Se deixarem o Valdeiro chutar livre, ele faz o gol. O Riva- lino faz o gol. A barreira, bem feita, é um re- curso.
Alguém observa que seria interessante abolir o impedimento. Exija a proposta e vamos de di- vidir o campo em duas partes. Na parte central não haveria impedimento. Dino acha que não ia ajudar nada.
- Se agora já é difícil, pior se dividirem o campo. A gente passa o tempo todo insistindo pa- ra que eles saiam lá de trás e eles não saem. Quem é que vai querer uma bola nas costas? A- gora eles não vão além da linha do meio campo. Se adotarem essa medida, aí, então, fica todo mundo lá atrás, perto da área.



A conversa de Dino com o Pato foi das 9,30 até as 2 do manhã. Se dependesse do Dino eles continuava. Na saída o Harry Sabino, bebado de tanto limãozinho, saudava o Dino e de- senjava que Deus protegesse o nosso time e ilu- minasse quem o quis. Luis Fernando e Ruy com- binavam uma janta com o Dino assim que desse. O Sabino, espulhosos com o seu fato, não sabia se ai de satisfeito. Claro que nem tudo que foi dito na conversa está aqui. Dino pediu para que não falasse nada sobre jogadores do Inter. O Pa- to, que tem fama de enfiado mas não é, concordou. (No carro, conta o Sabino, o Dino quis saber quem eram esses tais de Maderine que tinham sido tão citados durante a reunião...)
Uma última imagem surrealista no madrugada e primeiro campo do mundo a visitar o Pato a correr pela rua, ajudando a empurrar o car- ro de Sabino que, parecendo adivinhar como a conversa estava boa, recusava-se a terminá- menta a partir.

Cesvê que negócio chato, me arranjaram aqui no Pato: conseguir uma entrevista sobre doping com jogador de futebol. Digo chato porque ninguém é besta de dizer que algum dia na vida andou levando picada e tomando chazinho prá correr mais. Em verdade a turma do «Puxa Firme F. C.» é de um cuidado total para falar sobre esses negócios aí e raríssimos são os que botam a bôca no trombone denunciando a sua fraqueza, que dizê, fraqueza uma ôva já que o négo picado fica tão doído que no geral derruba até o alambrado do campo na base do peitão, e depois ainda fica mastigando o arame, que nem chiclé.

As desconfianças andam pela aí mesmo. Tem cronista esportivo jurando que já viu jogador de futebol espumando mais em campo que só máquina de lavar roupa. Tem jogador de futebol confessando (sempre na base do segredinho) que seu adversário passa os noventa minutos de ôlho parado e que, quando termina o jôgo, se não agarram o homem, êle deixa o ônibus, que o transportará de volta à sua cidade, para ir a pé correndo. E no geral chega primeiro que o ônibus. Por aí cesvê como o «Puxa Firme F. C.» é de morte.

Pode a Federação Gaúcha de Futebol evitar que um jogador jogue dopado? Aqui, ô! É que existem mil maneiras para aplicar o doping, e nem tôdas ssem na urina. Isto quer dizer que os examinadores podem encher 200 penicos de material de exame que não vão manjar bulhufas. Em todo caso, em algumas circunstâncias dá prá notar que o sujeito tá na agulha ou no chazinho. Muitos, depois de receberem o doping, ficam mais brancos que só bunda de succo por certos efeitos que a droga causa. Aí é fácil. Fácil, evidentemente, quando o jogador é clarinho, sim, porque se êle for crioulo, ninguém perceberá nada, de mais a mais como sabe a nossa vã filosofia, crioulo só branqueia quando cai em poço de cal.



FOTO J. B. SCALCO

E depois tem o método do recolhimento do material. Ora, meus camaradinhas, tá provado que o verbo mijar só se conjugado de bexiga cheia, né mesmo? Forçar o négo a largar o material de análise sem vontade é fogo, sobretudo pela invariável desculpa:

— Pô, doutor, qué que eu vou fazê? Tô sem vontade.

Como o médico não tá prá ficar duas horas esperando, ou dá uma cerveja pro cara ou larga êle de mão, que um médico bacana não tá prá ficar esperando que o négo se resolva a pedir penico. Aliás, nesse caso, quem pede penico é o médico.

Mas o negócio aqui é uma entrevista e aqui está ela. Evidentemente que não direi o nome do entrevistado. Posso apenas revelar que é um craque da dupla Grenal e nada mais, que êste assunto de doping é mais delicado que o temperamento do Armandinho Marques, o Léplido.

Eu — Tu já foi dopado, meu?

Ele — Eu? Qué isso seu Calos? (Alô, revisão: deixa Calos mesmo, sem R. O cara me chamou todo o tempo assim, qué que eu vou fazer?).

Eu — Péra aí, você nunca tomou uma injeçãozinha?

Ele — Bom, isso já.

Eu — Injeção de que?

Ele — De vitamina, ué.

Eu — KH-3?

Ele — Não, não foi pra isso, não senhor. Pra esses causos êles dão um laxante, né?

Eu — Não, meu filho. KH-3 é uma vitamina que... Deixa pra lá. Mas me diga: você só tomou injeção de vitamina?

Ele — É. Pelo menos me disseram que era vitamina. Salvo uma vez.

Eu — Salvo uma vez o que?

Ele — Salvo uma vez que eu fui mordido por um cachorro e aí me deram outra.

Eu — Anti-rábica?

Ele — Cumê?

Eu — Anti-rábica?

Ele — Não senhor. Me deram no braço, sim senhor.

Eu — E você já viu cara dopado em campo?

Ele — Craro.

Eu — Pode dizer os nomes dêles?

Ele — Os nome, não. Mas as arcunha apêldosa que nós demos pra êles, posso.

Eu — Diga.

Ele — Xi, tem uma porção: Chaminé, Praga de Mãe, Fumacê, Descarga Aberta... uma porção.

Eu — E dá pra se notar que estão na agulha?

Ele — Se dá pra se notar? Puxa, se dá.

Eu — Por que? Eles ficam estranhos em campo?

Ele — Pergunta pro Ortunho. Se o negrão no fim dum jôgo aí não corre, três dêles tavam afim de currar êle.

Eu — Currar o Ortunho?

Ele — Seu Calos, por aí o senhor vê como êsse negócio de dopar endoia o cara.

Eu — E no seu clube já teve algum que ia nessa do doping?

Ele — Craro. Teve négo aqui que só queria entrar em campo com as camisa de manga comprida.

Eu — Por causa do frio?

Ele — Que frio, nada. Causo de que, com camisa comprida, ninguém via as picada nos braços. Fogo.

Eu — E agora não tem mais ninguém assim por aqui?

Ele — Que eu saiba, não. A turma são legal.

Eu — Mas me contaram de um certo colega seu que até teve que se mandar daqui.

Ele — Não. Aquele foi outro negócio. Não vê que o técnico chegou pra êle e lascou: «Escuta aqui, o senhor tem que marcar por zona...»

Eu — E aí?

Ele — Ora, foi só falá em zona pra êle que êle se mandou. Tá lá até hoje. O negócio dêle era outro, porque não dizer.

Eu — Me diga, você aceitará ser examinado pela comissão anti-doping?

Ele — Craro. É só me pedir. De mais a mais aqui no crube tudo é na base da disciplina, lnda mais na hora dum exame desses. Quem mijar fora do penico, já sabe: suspensão.

Joaquim Fonseca

HOJE COMEÇAMOS
NOSSO CURSO
DE EMAGRECIMENTO...

OOO

O

DÊ UMA DE BOM!



NESTA SEMANA

PEGUE SUA GATA E VÁ CURTIR UM TREMENDO FILME NO PARK AUTO CINE. LÁ TEM CERVEJOTA, HOT DOB, BATATINHAS, HAMBURGER, ENFIM TUDO AQUILO QUE SE PODE DESEJAR... É ASSISTA

RAQUEL WELCH, A MAIS "SEXY" DE TODAS, EM

"SEDE DE CRIME"



NA FAIXA DE IPANEMA EM FRENTE A AAMPA. DIARIAMENTE SESSÕES ÀS 20,30 E 22,30 H.

AOS DOMINGOS, SESSÕES INFANTIS A PARTIR DAS 18,30 H COM DISTRIBUIÇÃO DE BRINDES.

SERVIÇO

Geral da Província



UMA NOVA SEÇÃO DO PATO

Há algum tempo o Rádio Gaúcha, em circular assinada por seu diretor J. Antônio D'Ávila, baixou uma ordem de serviço, proibindo todos os seus funcionários de sintonizarem outra emissora que não a própria, «pelo menos nas dependências da emissora», como que reconhecendo estar a programação delas devagar, quase parando... O negócio não é proibir, Ávila, é tornar audível a joça. Porque na base da Palmira Gobbi, Teixeira e musiquinhas dedicadas às menininhas do Sarandi, aí não dá pra ouvir mesmo.

PARA NÃO FALAREM QUE ESTAMOS DE MÁ VONTADE COM A RÁDIO GAÚCHA, AQUI VAI UMA COLHER PARA O SEU DEPTO DE NOTÍCIAS. PODE NÃO TER A FARTURA DE INFORMAÇÕES QUE A GUAIBA APRESENTA, MAS TEM MUITO MAIS MOLHO, E MAIS MODERNO E DINÂMICO. E VEZ POR OUTRA TEM ACERTADO UNS FURINHOS NA COIRMA DA CASA DE CALDAS.

A Difusora e a Itai estão outra vez distribuindo prêmios aos pates a seus gabaritados ouvintes. Sinal que tem IBOPE na praça. Aliás, o brilhante Marns Barcellos, da Difusora, anda recomendando a seus locutores «forçarem» que a Difusora dá mais prêmios, lembrando a todos que é preciso garantir o IBOPE. E depois ainda tem gente que vai pelos resultados do famigerado Instituto de Pesquisas!

Rádio

Rádio ★
AOS QUE NÃO SABEM, EIS OS ÍNDICES DO ÚLTIMO IBOPE. ABRIL/71: PRIMEIRO, ITAI COM 39,77; SEGUNDO, DIFUSORA COM 15,75; TERCEIRO, GUAIBA COM 11,78; QUARTO, GAÚCHA COM 9,86. A CONTINENTAL APARECE EM SETÍMO LUGAR. SEM COMENTÁRIOS.

★
Aparecendo bastante na madrugada do Portinho o Princeza. A dupla que apresenta o negócio não chega a ser o artigo, mas não compromete. E concorrendo com a «dona da noite», vai conseguindo uma vantagemzinha depois das duas, hora em que a Continental sai do ar.



★
A Guaíba (ou Museu do Som) tentando acabar com a poeira e o cupim. Aquêlê programa das dez e meia da noite é uma tentativa. Gilberto Butikin Dietrich apresenta (mal) as músicas, com a supervisão, a nosso ver indesejável, do empresário Osmar Meletti. O programa é tímido demais pro meu gosto e assim mesmo tem chovido telefonemas e protestos na Casa de Caldas, dos ouvintes tradicionais da emissora: as fás do Fernando Veronezi...

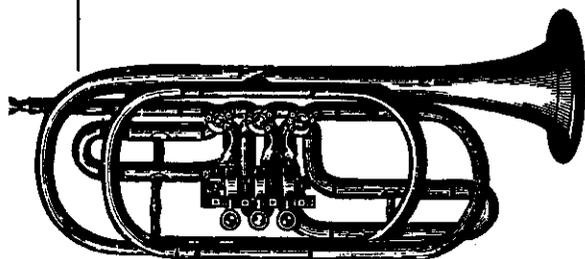
★
VAI DAQUI O NOSSO ABRACO AO CONTURSI DA CONTINENTAL. ELE DEIXOU DE ANUNCIAR-SE COMO O BOY DUMA LOJA LOCAL. PLKCEBÊU, AFINAL, QUE IDENTIFICAR-SE COMO GAROTO-PROPAGANDA NÃO IA DAR PEDAL. O NEGOCIO E ESSE MESMO. FIGUE MESMO DE CASCALHO, O DO BARALHO, QUE É MELHOR E SO FAZ BEM.

NILO ("Ouvido de Ouro") HERTZ está por dentro das ondas!

★
A Itai enche o saco com as suas solicitações musicais. As das cartilhas ainda dá pra tolerar, desde que se faça um esforço. Agora, o tal de Sayão Lobato e suas entrevistas gravadas, na faixa do «você pediu e eu já vou daqui», êsse é dose pra Dinossaurus Goidanus. Um slogan pro caras: «Itai, quermesse musical». Aproveite, Gabellini, é grátis.

★
Por falar neste cara, o que êle mandou fazer na Cultura é de uma falta de imaginação de dar dó. Os negos estão copiando as bossas da Continental escarradamente. Êsse é o termo: escarradamente. Porque tocar Paul McCartney e vir em seguida de Boêmio Demodê é um deboche. A Cultura é, hoje, a «Continental da Vila Teodora». Parabéns, Gabellini. Não mudaste nada, hein?

NILO HERTZ



VANDERLEI CUNHA

3 4

1
É quase certa a reestruturação do TAMBA TRIO. Babelo no flauta, Luizinho Eça ao piano e Hélio na bateria (tomando o lugar de O'Hanal). E o negócio é pra já...

2
«UNDERGROUND», LP DA ODEON QUE ACABOU NÃO SAINDO PORQUE A CENSURA PROIBIU, FOI AGORA LIBERADO DEFINITIVAMENTE. SOM IMAGINÁRIO. A TRIBO, EQUIPE MERCADO E MÓDULO MIL SÃO ALGUNS DOS CONJUNTOS QUE DÃO O SOM NO DISCO.

NOVO COMPACTO DE GAL COSTA, NA PHILIPS. FAIXA QUENTE: «VAPOR BARATO», DE MACALE E WALLY.

GILBERTO GIL VAI EXCURSIONAR PELA EUROPA COM O CONJUNTO CHICAGO TRANSIT AUTHORITY. EM LONDRES, SEU LP CONTINUA VENDENDO BEM...

★ JAZZ (novidades em Ips EEUU)

CHAPTER TWO, Roberta Flack (Atlantic SD 1589)

BACK TO THE ROOTS, Ramsey Lewis (Cadet CA 8001)

LIVING BLACK, Charles Earland (Prestige PR 10099)

JACK JOHNSON/SOUNDTRACK, Miles Davis (Columbia S 30455)

M. F. HORN, Maynard Ferguson (Columbia C 30466)

STRAIGHT LIFE, Freddy Hubbard (CTI 6007)

SUGAR, Stanley Turrentine (CTI 6005)

PRETTY THINGS, Lou Donaldson (Blue Note BST 84359)

B. B. KING LIVE AT COOK COUNTY JAIL, B. B. King (ABC 723)

★ SOUL RHYTHM AND BLUES (novidades em Ips EEUU)

CURTIS LIVE, Curtis Mayfield (Curton CRS 8008)

IF I WERE YOUR WOMAN, Gladys Knight & The Pips (Soul SS 731)

BOBBY WOMACK LIVE, Bobby Womack (Liberty LST 7645)

ONE STEP BEYOND, Johnnie Taylor (Stax STS 2030)

DO ME RIGHT, Detroit Emeralds (Westbound WB 2006)

KING FLOYD, King Floyd (Cotillon SD 9047)

SOUNDS OF SIMON, Joe Simon (Spring SPR 4701)

MESSAGE TO THE PEOPLE, Buddy Miles (Mercury SRM 1-808)

SWEET SWEETBACK'S BADASS SONG/SOUNDTRACK (Stax STS 3001)

MONGO'S WAY, Mongo Santamaria (Atlantic SD 1581)

YOU'RE SO BEAUTIFUL, Charles Wright & The Watts 103rd Street Rhythm Band (Warner Brothers WS 1904)

★ COMPACTOS COMPACTOS

MATHAN JONES, The Supremes (Motown 1182)

BRING THE BOYS HOME, Freda Payne (Invictus 9092). É uma das exclusivas da Continental no momento.

THE COURT ROOM, Clarence Carter (Atlantic 8201)

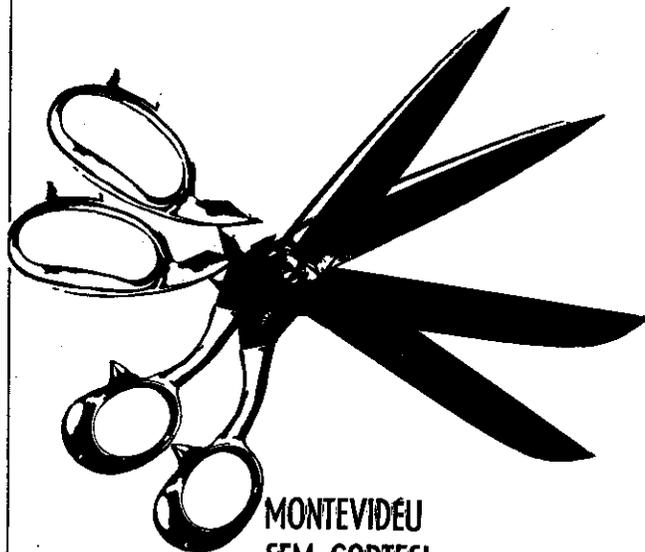
HELP ME MAKE IT THROUGH THE NIGHT, Joe Simon (Spring 113)

BE GOOD TO ME BABY, Luther Ingram (Koko 2107)

CARTAS NA CAG 477

SERVIÇO

CINEMA



MONTEVIDÉU SEM CORTES!

Fui, vi e voltei. Em dois dias, sete filmes. E mais outros sete, pelo menos, ficaram só na intenção. Nada desta pobreza irritante que vivemos aqui, à míngua de lançamentos, agüentando (durante 5 semanas!) um «Helga» ou um «Batalha de Neretva» e outras coisas parecidas. Os pontos máximos da gira: «Eu Sou Curiosa: Amarelo», de Vilgot Sjöman e «Zabriske Point» de Michelangelo Antonioni. «Mas onde é que este camarada estêve?», deve perguntar o leitor que, no máximo, vai ao Baltimore, num fim-de-semana. Em Montevideú, rapazes! Lá, onde filmes, livros e revistas circulam com uma liberdade que qualquer um de nós estranharia. Segui as recomendações do Goida, que baseava-se na experiência de Godard, Truffaut e Chabrol (quando ainda críticos) que passavam fins-de-semana em Bruxelas assistindo aos filmes proibidos em Paris.

Mas vamos ao ponto. Pra iniciar: vi mulher nua como nunca antes. O cinema mundial é 90% de sexo e lá, nos países civilizados, esta onda erótica já deve andar enchendo o sacco. E vai passar logo, segundo os observadores. Com um curioso fenómeno: sem haver passado pelo Brasil, Portugal, Grécia e Espanha. Enfim...

Num mesmo dia fui ver dois filmes norte-americanos («Um Bom Dia Com Mãe» e «O Jardim Mágico de Stanley Sweetheart»), um sueco («Eu Sou Curiosa: Amarelo»), um dinamarquês («Eu, A Filha») e um alemão («Você Quer Permanecer Virgem Para Sempre?»). Já no terceiro, o meu libido estourou. Se ao menos houvesse um ou dois tiros, pra variar... Mas era só mulher nuinha, sem esconder nada, absolutamente nada. Loiras, morenas, castanhas, marrons, ruivas, amarelas, pálidas, queimadas do sol, com muito, com pouco, e vamo lá e vamo lá...

Bem, havia Antonioni. Mas até em Antonioni tem uma seqüência de «Love In», em plena Vale da Marte, com vários casais mandando uma brasa. Chego no domingo com a libido em farrapas e porto para assistir a «O Reino Selvagem», um documentário sobre animais, esplêndidos e puros animais! E não havia leitões de campanha nem exploradoras ou rainhas da selva. Rendí-me ao Goida apesar dos muxoxos do Harry. Montevideú é quente. Vão lá, vão lá...

(TICO SOLEDADE)

TV

Como no Canal 12 não é só em época de IBOPE que acontecem os bons filmes, esta semana tem:

— Quarta-feira, 23/6, DO INFERNO PARA A ETERNIDADE (Hell to Eternity), um dos mais treloucados filmes de Phil Karlson («A Cidade do Vício», «Sangue de Pistoleiro»), sobre a tomada de Saipan;

— Domingo, 26/7, UM AMOR DO OUTRO MUNDO (Goodbye, Charlie), uma comédia fantástica do bom Vincente Minelli (ah, que saudades...). E para os que não conhecem (geração cinquenta/sessenta), sábado à meia-noite, em «Paralelo 12», tem um filme com a muito falada e pouco vista Verônica Lake, aquela dos cabelos loiros escorridos tapando o olho direito. O filme é a LEGIAO BRANCA (So proudly we hail) de Mark Sandrich e se passa nas Filipinas, durante a retirada de Bataan.

TUÍO BECKER



Cine

Cinema esta semana?

Só dois: o Imperial e o Astor.

No Imperial está "A Grande Esperança Branca", de Martin Ritt, um filme sobre o bo-xeur negro Jack Jefferson Johnson, que reinou nos ringues americanos de 1908 a 1914. Jack Johnson ainda é um mito, tanto para a turma do box como para os rebeldes negros. Foi um homem duro, um negro que usou seu sucesso para devolver todos os golpes que a sociedade branca dava em sua raça. Martin Ritt, outro sujeito violento, mas branco, mostra neste filme a mesma preocupação que o fez filmar "O Espião Que Saiu do Frio" e "Homem": a luta solitária de uma individualidade contra o "establishment". Por outro lado há o tipo de luta que moveu Johnson, uma luta que se em 1908 era apenas a sua luta, hoje em dia sacode os Estados Unidos de costa a costa.

Johnson é o personagem que permite a Ritt mostrar que as contradições raciais e o choque de temperamentos entre brancos e negros é uma guerra tão dura e selvagem como a do Vietnã. Tratava-se de um negro de sucesso, de um negro vitorioso num ramo capaz de levar ao orgasmo qualquer americano: a violência e do desaforo. Os brancos preparavam lutadores para arrancar-lhe a coroa, destruir-lhe o mito e o corpo. Mas Jack conseguiu derrotar a todos. Houve uma derrota, a decisiva. Mas as vitórias já haviam sido introjetadas por seu povo e faziam parte de um processo político que explodiu em Watts e continuará explodindo ainda com maior violência.

No Astor está "El Condor". É um filme de John Guillermin ("Crepúsculo das Águas", "Uma Nova Cara no Inferno", "Não Importa Que morram" e "A Ponte de Remagen"). O tema promete correrias e violência: Um general armazena ouro, para a tomada do poder, numa fortaleza. Aventureiros americanos (Lee Van Cleef, Jim Brown) comandam os apaches num ataque para pegar o ouro. Guillermin é um bom diretor e deve ter realizado um espetáculo bem movimentado.

José Onofre



VANDERLEI CUNHA

Isto do Jobim o Vanderlei pescou por aí!

CAETANO VELOSO, ESTEREO (FAMOUS G/W PHILIPS 6349 007). Entregue à redação no momento em que esta página era fechada, o lp de Caetano foi vítima de uma audição apenas superficial e precária, desautorizando quaisquer comentários mais precisos. Estes ficarão para a semana que vem. O que se pode adiantar é a observação de que o disco foi produzido com excepcional cuidado, maior talvez do que o dispensado ao de Gilberto Gil.

Enquanto vocês se ocupam da leitura de sua ficha técnica, deixamos no ar a seguinte estupenda notícia: ele já está à venda na maioria das boas lojas da cidade. Corra, bichos, correil... Os últimos não serão os primeiros...

LADO A: A LITTLE MORE BLUE (Cae), LONDON LONDON (Cae), MARIA BETHÂNIA (Cae). LADO B: IF YOU HOLD A STONE (Cae — versão para o inglês de «Marinheiro Só»), SHOOT ME DEAD (Cae), IN THE HOT SUN OF A CHRISTMAS DAY (Cae/Gil), ASA BRANCA (Luís Gonzaga — única faixa do lp cantada inteiramente em português).

O lp foi produzido por Lou Reizner e Ralph Mace, gravados nos Chappell's Studios (Londres). Arranjos para cordas: Phil Ryan.

URGENTE: A COISA MAIS EXTRAORDINÁRIA DO DISCO PARECE SER MESMO «MARIA BETHÂNIA», COM A DURAÇÃO DE 7 MINUTOS E 25 SEGUNDOS.

* TOM E PAISAGEM ÚTIL DA MPS

Eu tinha um certo preconceito contra a música. Gostava dela demais, porém como hobby. Foi pra arquitetura, mas daí, no primeiro ano, por causa da música, que, aos poucos, foi tomando conta da minha vida. Desde menino eu via meus tios tocando violão, serenatas. Vivi a época dos choros. Desde pequeno eu namorava a música de Noel, de Ari, de Lamartine, de Pixinguinha. Vovô tocava piano e era soprano. Mas toda essa história tem mil anos.

Estudei música com Kollreuter, Tomás Terán, Lúcia Branco. Música pra mim, no começo, era como soltar papagalho. Andei com Bochino, Leo Paracchi. Foi este quem me levou à casa de Vila-Lôbas. Eu já conhecia a obra dele e vivia fascinado. Pra viver, eu tocava, em tudo que era bosta, música que eu detestava e, ao chegar em casa, botava na vitrola os discos do Vila. Aquilo me levava a alma. Sabe como é? Música pra cima, compreende? A dizer autêntica, mas há duas palavras que eu detesto: autêntico e concessão. Tenho uma verdadeira ânsia de despejamento e uma luta íntima contra o intelectualismo falso e balofo. Quero dizer as coisas pra cima, compreende? De verdade. Pois quando o Paracchi me apresenta ao Vila-Lôbas, estava sentado, naquela sala da Araújo Porto Alegre, escrevendo música, cercado de mil pessoas, sem barulhos, um gravador reproduzindo uma sinfonia, gente falando, o diabol Me deu uma partitura para acompanhar o que o gravador reproduzia. Sorri quando percebi que eu tinha captado a brincadeira: «Maestro, esta música não é a que está tocando». Foi aí que ele arguiu

os olhos e perguntou ao Paracchi: «Ele sabe escrever sinfonia, mesmo?». «Sabe» — fez o Paracchi. E eu pergunto ao Vila: «Maestro, essa barulheira toda, em torno do senhor, não o perturba?». Ele parou de desenhá-las suas notas e explicou, sério: «Menino, o ouvido de fora não tem nada que ver com o ouvido de dentro.»

Eu queria prestar atenção ao meu ouvido de dentro, mas você sabe como é aquela corrida que a gente aposta com o aluguel, quando cessa sem dinheiro. O aluguel ganha desperado. Vivia tocando em bosta. Só quando comecel a orquestrar para diversos cantores e orquestras é que soube o que era trabalhar de dia.

Eu faço minhas letrinhas, mas nunca fui poeta. Mas tem gente que gosta, sabe? Já mais musical letra de ninguém, e não ser uma vez para Vinícius. Faço música e Vinícius põe letra nela. Sabe por quê? Quando vejo uma poesia bonita não vejo necessidade de musicalizar. É como botar letra numa sinfonia. Tem jeito? Pra que é que você vai musicalizar um poema de Drummond se estamos diante de uma obra completa e acabada? Musicalizar letras é trabalhar de talhadeira e martelo pra encaixar, compreende? Não pode. O negócio devia nascer junto, letra e música. Muitas vezes as palavras não cantam naquela nota. Não basta o sentido. É preciso que a palavra afine com a melodia.

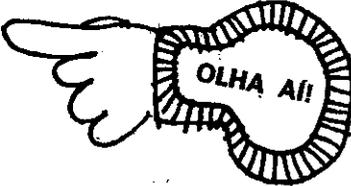
O negócio da bossa nova no estrangeiro foi mais ou menos assim: a coisa começou bem porque nossos discos, os verdadeiros, os brasileiros, começaram a chegar lá. Depois o negócio virou comércio. Nos Estados Unidos havia sapato, prato de comida, penteado, tudo bossa nova. O comércio tinha

sempre uma seção de discos bossa nova. Uma loucral! Ocorre, porém, que naquela febre a coisa era gravada por mexicano, cubano e até brasileiro desatualizado de nossa realidade, que muda todo dia. As letras lindas, poéticas, ram transformadas em deturpadas, adultéradas. O nosso Chega de Saudade, na burrice de Lindrick e Cavensup, passou a ser isto: No more blues / I'm going back home / No, no more blues / I promise no more to roam. / Home is where the heart is... e assim por diante. Sabendo disso é que eu cantei em inglês no Carnegie Hall. A letra que level é excelente, de um letrado de categoria. Cantei em inglês contra a vontade de editores poderosíssimos e empresários irritados. Por quê? Para, bem ou mal, poder transmitir o que aquilo era mesmo. Não na base do No more blues.

A COISA MAIS COMOVENTE PARA MIM É, EU TOMANDO CAFÉ, NUM LUGAR MODESTO QUALQUER, OUVIR PASSAR UM DESCONHECIDO, HUMILDE ASSOBIANDO A MINHA MÚSICA. NÃO GOSTO DAS MANIFESTAÇÕES DE EXPANSÃO PESSOAL. NUNCA PROCUREI MEUS IDÓLOS. A PESSOA É UMA PESSOA. COMPREENDE? A OBRA DE ARTE É... SEI LAI!

O analfabeto pega bem sempre uma melodia, por mais complexa que seja. É que ele não tem preconceito. É como um lago refletindo uma mosquinha em que falta uma patá. O lago não quer saber se a música devia ter uma patá e mais. Reflete apenas e é criança contando fita de cinema. Não esquece nada.

ANTÔNIO CARLOS JOBIM



* OLHA O «JUDEU» ATACANDO DE SAX-ALTO...

Eu nunca morri de amores pela música de Dave Brudeck. Mas gostava muito do Dave Brudeck Quartet. É considerável a contribuição do grupo ao Jazz moderno, principalmente pelas experiências com novas divisões, de que o lp «COUNTDOWN» é o exemplo mais marcante e artisticamente melhor sucedido.

Em que pese tudo isso, Dave Brudeck é um chato. Seu piano me soa frio, mecânico, sem brilho. Tecnicamente, ele pode ser bom, admito até que seja. Mas nunca gostei de seu som. O que garantia

o conjunto era o sax-alto de Paul Desmond e a bateria de Joe Morello. Mas estes cansaram de fazer o cartaz de Dave e se mandaram. E com isso o conjunto acabou.

Paul Desmond agora grava sozinho. E seu lp para a A&M, «Bridge Over Troubled Water» é sensacional. E mostra, inclusive, que as bossas das divisões exóticas estão melhores agora. O disco é todo com músicas de Simon & Garfunkel e não deve faltar nas discotecas dos que, como eu, ainda teimam em gostar de jazz.

Seu lançamento no Brasil está previsto para esta semana. Podem comprar para que é quente. (FERNANDO WESTPHALEN)

* POP POP TOP POP POP TOP (Novidades em lps EEUU)

CHANGE PARTNERS, Stephen Stills (Atco 2806)

ARETHA LIVE AT FILLMORE WEST, Aretha Franklin (Atco SD 7203)

GRAHAM NASH/SONGS FOR BEGINNERS (Atlantic SD 7204)

MARVIN GAYE/WHAT'S GOING ON (Tamla TS 310)

THE RAIDERS/INDIAN RESERVATION (Columbia C30768). A Continental mandou buscar o compacto nos States e já está tocando o «Indian Reservation», que é, também, a faixa principal do lp.

CLASSIC LIGHTFOOT/THE BEST OF GORDON LIGHTFOOT VOL. 2 (United Artists UAS 5510)

FRANCIS LAI PLAYS FRANCIS LAI (United Artists UAS 5519), incluindo «Love Story», «Live for Life», «A Man and a Woman» e «Hello, Goodbye».

RAM/PAUL & LINDA McCARTNEY (Apple SMAS 3375). 4º lugar nos States.

MUD SLIDE SLIM AND THE BLUE HORIZON, James Taylor (Warner Brothers BS 2561). 5º lugar nos States.

AQUALUNG, Jethro Tull (Reprise MS 2035)

THE SKY'S THE LIMIT, The Temptations (Gordy GS 957/Motown)

BROKEN BARRICADES, Procol Harum (A & M SP 4294)

WINWOOD, Stevie Winwood (United Artists UAS 9950)

VOLCANIC ACTION OF MY SOUL, Ray Charles (Abc ABCs 728). Coletânea de gravações de Ray Charles, realizadas entre 1956/1959.

PEACEFUL WORLD, The Rascals (Columbia G 30462)

* COMPACTOS COMPACTOS

WILD HORSES, Rolling Stones (Atco/RS 19101). Extraído do lp «Sticky Fingers».

MOON SHADOW, Cat Stevens (A & M 1265)

TALKING IN YOUR SLEEP, Gordon Lightfoot (Reprise 1020)

LOVE ME, The Rascals (Columbia 4-45300)

I'M A BELIEVER, Neil Diamond (Bang 506). Esta composição de Neil Diamond fez muito sucesso em 1966/1967, na voz de outros intérpretes (Four Tops, Lovin' Spoonful, etc.). Agora é a voz do dono...

TAKE MY HAND, Kenny Rogers & The First Edition (Reprise 1018)

IN THESE CHANGING TIMES, Four Tops (Motown 1185)

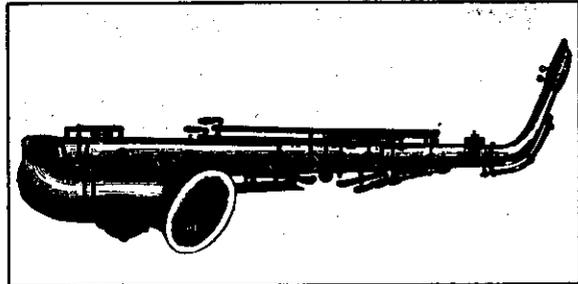
SHE DIDN'T SO MAGIC, Lobo (Big Three 118)

WATCH THE RIVER FLOW, Bob Dylan (Columbia 4-45409)

DID YOU EVER, Nancy Sinatra & Lee Hazlewood (Reprise 1021)

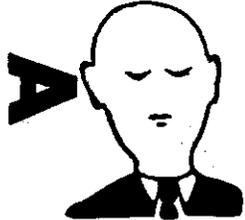
Importe esses lançamentos através de SOM 24, Independência — Gal. Moinhos de Vento, loja 24 (P. Alegre); MODERN SOUND, Barata Ribeiro, 502-C — SYMPHONIE, Santa Clara, 115-B (Rio); MUSEU DO DISCO, rua D. José de Barros, 329 (S. Paulo). Lps a 45.000 — compactos simples a 12.000 — compactos duplos a 20.000.

(ANDA TEM DISCOS NA 18)



DISCOS

VANDERLEI DESTA VEZ PAPOU O SERVIÇO



*** NOVIDADES INTERNACIONAIS / LPS JÁ A VENDA**

ACTION WITH LALO SCHIFRIN, Lalo Schifrin & Orquestra, mono (Rge 6254). Famosos por suas trilhas-sonoras para o cinema («Bullitt», «The Fox», «Che», etc.) e televisão («Mission: Impossible» é a principal), o argentino Lalo Schifrin reaparece em 11 novas composições, todas oscilando entre o jazz moderadamente comercial e a bossa nova distancadamente elementar, seus dois carinhos. Um disco banal demais para quem já brilhou com Dizzy Gillespie e com o Marquês de Sade...

RAY CONNIFF & SEUS CANTORES / LOVE STORY, mono & estéreo (Cbs 137730). Mr. Conniff & Seus Cantores de Ebanó rides again, introducing the hits that everybody knows: «Rose Garden», «El Condor Pasa», «My Sweet Lord» and others and others, tudo muito bonitinho e chatinho...

THE SQUARE SET / THAT'S WHAT I WANT, The Square Set, mono & estéreo (Cbs 144071-Epic). Conjunto sul-africano que está fazendo sucesso com músicas de Bob Dylan.

THE BEST ON JAZZ GUITAR, mono & estéreo (Cbs 137). George Benson, Charlie Christian, Herb Ellis e Charlie Bird são os quatro conhecidos e bons guitarristas de jazz, americanos, exibindo neste lp suas versões para clássicos como «Oh, Lady Be Good», «Willow Weep For Me» e «St. Louis Blues».

WHIRLPOOL, The Mirettes, mono & estéreo (MCA / Chantecler 2426). Três crioulas de Detroit em várias combinações vocais sobre arranjos agressivos, seguindo fielmente o caminho aberto pelas Supremes. Destaque para «Stand By Your Man», «Somethin' Wrong» e «Sister Watch Yourself».

ROGER WILLIAMS / THEMES FROM GREAT MOVIES, mono & estéreo (MCA/Chantecler 2873). 11 sucessos trazidos pelo cinema («Raindrops Keep Fallin' On My Head», «Airport Love Theme», «Mash», «Midnight Cowboy», etc.) e suavizados aqui pelo tradicional piano de Roger Williams.

*** LANÇAMENTO INTERNACIONAL EM COMPACTO**

GIVE MORE POWER TO THE PEOPLE, Chi-Lites, simples (MCA/Chantecler 4862). A Continental badalou bastante enquanto possuía o disco com exclusividade. Sucesso na parada americana, «Give More Power To The People» também vai «incomodar» no Brasil.

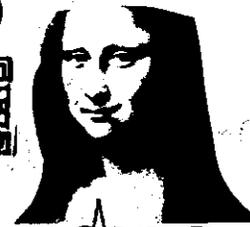
*** ESPECIAL**

ARREBENTACÃO, SÉRGIO RICARDO, estéreo (Equipe 800002). Acima dos graves acidentes de «Beto Bom de Bola» (Festival da Record/1967) e distante dos pomposos e inflamados noticiários de «Dia da Graça» (Festival da Record/1968), Sérgio Ricardo examina a conjuntura e parece redescobrir, não sem certo espanto, que a simplicidade é uma arma quente. Lírico como em «Zelão» e «Enquanto a Tristeza Não Vem», impiedosamente afiado como em «Barravento», este excelente cantor e compositor retoma com segurança os melhores achados de sua inconfundível produção musical no período 1960/1965. Além de sério e necessário, esse lp de Sérgio Ricardo é uma boa notícia para a música popular brasileira. Os arranjos são de Theo Barros e a apresentação (respeitável) é de Antônio Houaiss. **LADO A: Arrebentação, Labirinto, Jogo de Dados, Conversação de Paz, Canto do Amor Armado (FIC/68), Bezerra de Ouro.** **LADO B: Mundo Velho, Analfaville, Juliana Rainha do Mar (do filme «Juliana do Amor Perdido»), Espécie Especial, Ausência de Você.**

Compre sem medo e descubra um Sérgio Ricardo que sai da fossa. Falei.

SERVIÇO

COMIDA & Cia.



GUIA, MICHELIN

PRÉ-VESTIBULAR VINICO

Harry Sabugosa

Éra começo de inverno e o pano oleado sobre a mesa (não tínhamos plástico àquela época) estava frio. Seis horas da tarde. No copo, um copo comum, copo d'água, eu entornei o líquido vermelho escuro. Bebi sem açúcar e sem medo. Com gosto de travessura. Nem o travante na entrada da garganta, nem o torpor que se seguiu trouxeram qualquer dúvida sobre aquele início de uma longa e frutuosa amizade. John Hall rouba Maria Montez das mãos do perverso vizir e bebe à saúde da princesa escrava. Chovia, tenho quase certeza. E da rádio, localizado na sala-de-estar (where else?) chegavam-me os sons plangentes da valsinha «Saudades do Matão». Um quadro constritor, quem sabe. Mas, para mim, uma boa recordação. As tias velhinhas de Cary Grant enterravam os corpos no porão, enquanto eu folheava o «Cena Muda» com atenção e uma hipermetropia de meio grau. Lá fora, fora da minha casa, a guerra comia solta na Europa. Chovia? Acho que sim. Eu tinha oito anos e tomara meu primeiro copo de vinho. (Fim da fase: «Recordações»)

Se o amigo não bebe álcool não me leve a mal, mas saiba o que está perdendo se não bebe vinho. Sua vivência não está completa. E como não gostar de futebol ou de cinema ou de corridas. Ou não apreciar música, pintura, poema. Não gostar de

conforto, beleza, comida. Porque vinho, compadre, não é álcool. Vinho é o surrealismo da uva e a mais penetrante visão realista da água. Vinho é o vldo fluído com gosto. Nem amargo e muito menos doce. Vinho é sangue. Então, é tudo (fim da «Exortação»)

Nada me dá tanta pena do que ver os que tomam uísque indiscriminadamente. A toda hora. Antes, durante, depois e sempre. E uísque nacional ou falsificado. Pois esses caras tão mal-babidos ainda têm o deslante de dizer: «Vinho me faz mal». (Fim do «Sarcasmo»)

Olha, gente (como diz o Lauro Quadros), vamos fazer um trato. Vou tentar, nos próximos números, dar duas ou três lições sobre vinhos. Desmistificar a coisa. Cortar aquela de repetir que com tais pratos bebem-se tais vinhos, mas explicar por que é melhor assim. Falar de vinhos nacionais e estrangeiros. E de onde comprar e como bebê-los melhor. (Fim dos «Comerciais»)

Bem. Espero que os que já estão por dentro também me honrem com o sintonia. Não esqueçam que cada copo jamais é uma certeza mas sempre uma nova lição. E o que se aprende com o vinho é como desvendar os segredos da mulher amada. Sempre fica algo mais além da explicação.

Para fim de papo, brindemos a isto.

O PATO começa a publicar neste número um guia prático dos restaurantes de Porto Alegre e, eventualmente, do Estado, julgados por **Sepé Michelin, o Incorruptível**. As cotações, totalmente objetivas e imparciais, são atribuídas por Sepé depois de várias visitas que faz, incógnito, aos restaurantes investigados. Como as demais seções deste Serviço, esta também não aceita anúncios ou matéria paga. A mera sugestão de propina será recebida por Sepé com fria indiferença, quando não com um desafio para duelar, no campo da honra. Nem experimentem.

FLORESTA NEGRA

Shopping Center da 24 de Outubro
Abre só para o jantar, das 7 às 11h30min (aos sábados até a 1)
Fechado aos domingos

Maior virtude

É o restaurante preferido dos gourmets da cidade. Cozinha sensacional, pela qualidade e pelo esmero dos pratos.

Nota 10

Maior defeito

Não há lugar para esperar mesa. As pessoas ficam de pé, com evidente constrangimento para si próprias e para os que estão comendo. Para obter mesa sem esperar, chegue antes das 9.

Nota 0 Média geral 7,5

Ambiente
Local pequeno, apertado, íntimo, com ar condicionado, decoração simples e agradável, iluminação clara sem ser forte demais.

Nota 7

Serviço

As opiniões se dividem. Não é do gênero sofisticado, cool, Fridolino, que é o dono e maître d', trata os frequentadores com franqueza e familiaridade. As vezes este trato é confundido com «groseira», o que não é bem o caso. Os garçons são solícitos, educados, mas o serviço não possui maior refinamento. Quando o movimento da casa é muito grande (o que quase sempre ocorre) ouve-se Fridolino dar instruções aos garçons em alemão, em tom áspero.

Nota 8

Limpeza

Im-pe-cá-vel.

Nota 10

Louça

Bom qualidade.

Nota 10

Detalhes

Prepara o melhor suco de tomate temperado sem vodka de Porto Alegre.

Nota 10

É a melhor vitela. E a marreca! E os fígados de ave! E os peixes (inclusive haddock)! O chope (Brahma) é muito bem tirado.

Nota 10

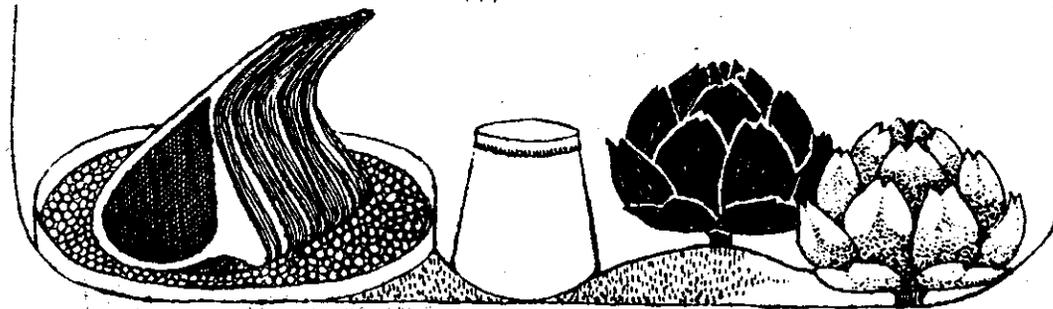
O cock-tail de camarão e as batatas fritas deixam a desejar.

Nota 2

Cardápio

Não é extenso, mas cumpre o que diz. Não varia, exceto quanto à marreca e à lagosta, que pode ter ou não ter. Ressente-se de um bom elenco de sopas germânicas, tipo bávara, glóse, etc. Se vocô é frequentador da casa, Fridolino, aceita reivindicações «extra petita».

Nota 8





Está esgotado o grande e incrível sucesso de Erich Segal LOVE STORY.

AUGUSTO PORTUGAL

SERVIÇO

livros

SERVIÇO DAS LOJAS ESPECIALIZADAS

LIVROS MAIS VENDIDOS

OS SETE MINUTOS; de Irving Wallace — ficção, editado pela Nova Fronteira a Cr\$ 20,00. Muitas páginas mas apaixonante.

MAMMA LUCIA; de Mário Puzo — ficção, lançado pela Expressão e Cultura a Cr\$ 22,00. Do mesmo autor de outro sucesso: «O chefe».

JOGO ABERTO; de Maurício Sibalari — técnico, para quem está a fim de conhecer o mercado de capitais. Cr\$ 18,00.

O HOMEM SENSUAL; por «M» — Por Cr\$ 21,00 um manual completo de macetes e outras informações sobre sexo. Vão substituir A MULHER SENSUAL, que foi apreendido. 1º lugar nos EEUU.

SEBO

Raridades, compra e vende. Esta é grande especialidade do sebo. Se o livro é quente pagam bem. O MARTINS LIVREIRO, ali na Pischuelo, 1206, tranca só com livros velhos. O dia que pintal lá vi uma primeira edição do MEIN KAMPF em atenção e uma coleção completa do DIGESTO ITALIANO (os advogados manjam). Os livros mais comuns estão em permanente liquidação a Cr\$ 1,00.

NOSSA INDICAÇÃO

DEUS, GOLEM & CIA. (God, Golem & Inc) de Norbert Wiener.

A cultel editou este livro já muito conhecido dos estudiosos de comunicação. Pequeno, custa só Cr\$ 6,00. Dá até pra ler no banheiro entre uma e outra.

Os sensores motores daquela criança estavam quase completamente destruídos. A única parte do corpo que tinha um movimento coordenado eram os dois primeiros dedos do pé esquerdo. Hoje com 38 anos a imagem é a mesma. Um pequeno busto desliza entre dois tocos de braço que se agitam como as asas de uma galinha e duas pernas de borracha. A par disto, dois olhos azuis. Penetrantes. Curiosos. Serenos como o céu da Irlanda. A Irlanda que foi seu berço e seu alimento. A Irlanda que ele nos apresenta em DOWN ALL THE DAYS.

CHRISTY BROWN era um fardo jogado em qualquer canto da pequena sala de uma casa cinzenta nos arredores de Dublin.

Aos 7 anos a família o surpreende rabiscando formas com um lápis entre os dedos do pé.

— Foi meu segundo nascimento, diz ele. Daí em diante Christy passa os dias enchendo fôlhas e fôlhas de linhas e letras que sua mão lhe ensina.

Aos 13 anos é levado à festa na cidade. Empoleirado nas costas de um irmão, seus olhos brilham a cada nova descoberta. E são seus olhos atentos e reluzentes que chamam a atenção de um médico. Sete anos depois, sete mesmo médico volta a Dublin e o procura. Começa neste momento a sua educação. O Dr. Collins transforma seus grunhidos em uma linguagem e o ensina a ler e escrever.

— Difícil? Não acho. Eu me sirvo do meu pé como você de sua mão. Afinal de contas nós somos todos dentes, por dentro ou por fora, não é verdade?

E foi desta maneira e durante 16 anos que ele escreveu seu livro. Uma estória cheia de miséria, cheia de procura, cheia de fracasso, cheia de monotónias, cheia de Irlanda.

DOWN ALL THE DAYS, lançado em junho de 1970, recebeu uma acolhida triunfal na Inglaterra onde a crítica, comparando-o a James Joyce e Dylan Thomas, já o colocou entre os clássicos da língua inglesa. Na França, traduzido como «CELUI QUI REGARDAIT PASSER LES JOURS», alcança um índice de vendagem dos maiores nos últimos tempos. Orzes Palmeira já adquiriram os direitos deste livro. Pôde ser que não demore muito a chegar ao Brasil.



LEONARDO DA VINCI — Balgado Filho quase esquina Vig. José Inácio — O QG das edições francesas. Seu Edgardo retribui a sua visita com um excelente papo em sotaque camoniano. Se não tiver o livro que você quer ele dá um jeito de mandar buscar em pouco tempo. Está para receber o livro do Christy Brown das «éditions du seuil». Reserve porque é quantíssimo. O L'Express e a Paris Mach chegam na data. Creditário em três vezes.

COLETÂNEA — Largo dos Medeiros — Soubemos que um certo PATO leixou em cima do balcão um bilhete escrito: «ROLLING STONE». Enquanto você aguarda (e não por muito tempo) vá comprando as revistas estrangeiras que são a grande especialidade da casa. Carros, motos, música pop, moda, náutica e outros babados em edições novíssimas. L'Express, Paris Mach e Time chegam no mesmo dia. Pagamento na bucha.

LIVRARIA KOSMOS — Andradás, 1844 — O Alexandre é quem dá o serviço. Todos os livros que você procura. No subsolo a seção de artes e outras bruxarias. Na sobreloja você encontra o seu Orgler lidando com os catálogos de todas as editoras estrangeiras, tanto de livros como de revistas. Qualquer encomenda é ali mesmo. O pagamento: entrada e mais três vezes sem acréscimo.

LIVRARIA DO GLOBO — Andradás, 1416 — A variedade é enorme e não menor a tradição. Os livros estão todos por assuntos. Os Best-sellers bem na frente. Na sobreloja tem artes, comunicação e outros bichos. Tudo isto e mais a simpatia e o charme da dona Josefina, pronta a lhe prestar qualquer informação (sobre livros, seu carcará). O creditário lhe dá as seguintes condições: de Cr\$ 15,00 até Cr\$ 100,00, 3 pagamentos sem acréscimo ou 6 com. Acima de Cr\$ 100,00, 4 vezes sem acréscimo ou 10 com.



Transas



O PERDIGUEIRO MAL INFORMADO

O Hilário Honório, na sua coluna de 17 de junho, comentava irônica e alegremente que no show de Ella Fitzgerald, «as conhecidas penetras não tiveram vez». Entre outras considerações deixava bem claro a sua indisposição com este tipo de gente que não tem 60 contos para ouvir um bom som. Lamentavelmente o velho perdigueiro só ouviu cantar o galo e errou duas vezes. Primeiro, na linguagem desprezível com que se dirigiu a mais de uma centena de músicos e universitários. E segundo, o mais importante, informou mal seus «fiéis» leitores. Entrou todo mundo! Se bem que tenhamos perdido algumas músicas, o quantíssimo nós vimos. Foi sensacional, seu Hilário! Parabéns à Caldas Junior que propiciou a vinda d'Ele. E o senhor nem imagina o show que perdeu... (Ivan Gomes Pinheiro Machado)

POIS É

ZH & SURINA

O Luiz Fernando Veríssimo anda apavorado: o Cól não critica o ZH. Ora, meu pacato diretor, deixe de ingenuidades. Só se critica o que merece — isto é, tem estrutura para ser criticado. Por exemplo, Surinã não reconhece os 200 milhas de nosso novo Oceano Atlântico. Alguma palavra contra Surinã? Neca. Só no dos americanos. Eles merecem, eles merecem. Alguém sabe se Surinã existe? E a ZH? Vamos deixar eles em paz, gente. (Para quem não entende de geografia: Surinã é uma colônia holandesa do norte da América do Sul, que a Holanda trocou há uns 250 anos com a Inglaterra. Esta ficou com um pantanal da América do Norte que hoje se chama New York.) (J. Sorel)



ESTALEIROS

No Correio do Povo do dia 15, ao lado de um anúncio de 4 por 30 do Estaleiro S6, vejo só a notícia que encontrei: «Pede falência maior estaleiro da Inglaterra». Não sei quem é a agência do Estaleiro S6, mas ela merece uma compensação. A conotação é imediata. Se os bichos da agência não entendem de psicologia motivacional, posso dar uma lista de livros especializados. Esta transa é gratuita. Já a lista é outro bocado (J.B)



YALIT V NORIA WUBO

PLÁGIANDO O JEFFERSON, UMA RECLAMAÇÃO. PASSEI QUASE UMA TARDE INTEIRA PRÁ MONTAR A PAGINA DO CÔI NO ÚLTIMO NOMEIRO. LEVEI UM BAILE COM AS FOTOS DA ELIANA. A ÚNICA COISA QUE EU TINHA CERTEZA É QUE OS OLHOS DELA IRIAM EM TAMANHO NATURAL, BEM EM CIMA DA PAGINA. QUANDO PEGO O JORNAL PRONTO DOU DE CARA COM ELES VIRADOS. COMO É QUE É, FOTOME-CANICA? A MENINA VIROU A CABECA DE VOCES, E? (Portugal)

EX-DONOS

DE UM «PROGRAMINHA (VOCES SE LEMBRAM?) DE DOIS VEREOS PASSADOS: «OCEANO ATLANTICO: DIZEM QUE OS AMERICANOS SÃO OS DONOS». JÁ ERAM, LFV, JÁ ERAM. (JEFFERSON BARROS)

CASA DE CALDAS JUNIOR DO EXPEDIENTE, NA POLTRONA, O CALVINISTA LUIS FERNANDO VERISSIMO



CURTIÇÃO

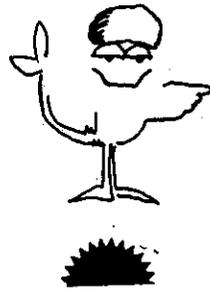
CURTIR MUITO NA SUA

Sabe quem é que vivia muito na sua? Carlos da Mala. Abra o romance de Eça de Queiroz, não sei em que página, leia, ora, e descubra «Ele está muito na sua». Sabe de onde vem o verbo curtir no sentido que tem nos papos transados de agora? De um velho poema de Manuel Bandeira. (J.Sorel)



CAFEZINHO

NÃO É PARA PUXAR O SACO, MAS UM DOS MELHORES DE PORTO ALEGRE É O QUE FAZ A DONA MARINA DA DA MÓDULO FILMES. CONSTA QUE O SÉRGIO ROSA FEZ UM TESTE EM 324 CAFEZINHOS ATÉ SE DECIDIR POR ELA. (Augusto Portugal)



EXPERT

O bicho é correspondente do Estadão. Anda por Israel. Se assina Nelson Santos. É coisa e tal. Mas não entende em nenhuma de geografia. Numa matéria do dia 15 de junho colocou o estreito de Bad-el-Mandeb entre o Mediterrâneo e o Índico. Que que isso, boneca? O estreito onde foi atacado o petroleiro «Coral Sea» liga o Índico ao Mar Vermelho. Ou será que já não se ensina geografia do Oriente Médio lá por Israel? (J. Sorel)

DISCRIMINAÇÃO

Está certo, a Caldas Junior é o provincianismo institucionalizado. Mas muito mais provinciano é ficar malhando a Casa de Caldas como se só isso bastasse para arestar nosso antiprovincianismo. É a que Cárta Facção dentro do Poto insiste em fazer. Eu protesto. Não estou protegendo meu emprego não. Entrei lá convidado e se me convidarem a sair não vou gastar mas não vou morrer. Só acho que carregar só em cima do C.J. é discriminatório. Viu, dr. Breno? (LFV)

SANTA E A MAE

Você viu este anúncio? Gostou? Pois tem gente muito boa gostando e inclusive usando em suas aulas de comunicação na Escola Superior de Propaganda em São Paulo. O nome do pai fica aí: Ronald Hexsel, atual responsável pela criação da Gama Publicidade.

Boutique



PROFESSORAS
Caram não são
Vai honrar e
uma chamam XK



RUA: GENERAL VITORINO, 140 - LOJA 13 - C

OS ARAGANOS

Av. Farrapos, 1446

Ao meio/dia de
4º RABADA,
5º MOCOTÓ e
6º FELCADA

demais dias e à noite o famoso
CHURRASCO À MODA DA CASA
com carne da fronteira





JOE COCKER

Não sei se o Wanderley já falou no bicho. Se não, está fazendo uma tremenda injustiça. Também não sei se o disco existe por aqui. Eu trouxe de Salvador, e a Bahia, em matéria de música e gosto musical está mil anos à frente como ditria um redator da Standard em dia de admirável euforia. O título do lp é «Joe Cocker — Mad Dogs & Englishmen». Tudo junto é uma batida de Beatles, Ray Charles, folk song e bandinha do interior. Quem não ouviu está numa do boko moko. Tenho o disco e não empresto. Cobro caro uma audiçãozinha. Aláás, o Joe Cocker, em Woodstock, curte uma interpretação de dar calafrios com «With a little help from my friends». É a voz dos anos 70 nos falando nostálgica de velhas e amadas coisas. (J.B.)

EU VOS DECLARO
MARIDO
E MULHER...

JOAQUIM FONSECA
A IA

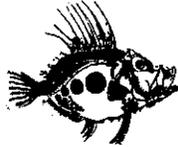
O TOTTI ERA AMIGO DO RUY. O RUY ERA AMIGO DO TOTTI. NA DISTANCIA E NA ADMIRACAO PROFISIONAL, NUNCA HAVIAM SE ENCONTRADO. NESTA CIDADE QUE AFASTA AS PESSOAS, O PATOMACHO OS REUNIU. PRIMEIRO NA SPAGHETTILANDIA (A VELHA, NA TRAVESSA ACELINO DE CARVALHO), DEPOIS, NA PELOTENSE. AOS POUCOS, FALANDO NO PATO, ELES SE DERM CONTA: MAS EU ESTOU FALANDO COM O RUY; MAS EU ESTOU FALANDO COM O TOTTI. O PATO JA VALEU A PENA.



JAZZENSAIO

Ninguém levou a sério, ainda, mas o anúncio é um novo gênero literário. Roberto Duci-libi é um dos redatores do gênero, talvez o único no Brasil, que cria um conto em cada texto publicitário que escreve. Mas às vezes o anúncio pode ser mais que uma peça de ficção e atingir o «status» de ensaio. É o que acontece com o texto: «Todo o Jazz numa noite com Elias». O José Onofre talvez não saiba mas realizou o seu melhor ensaio sobre Jazz. A vantagem que o Duailibi leva é que ele faz literatura — da melhor que há — para anunciar fagões, roupas, desodorantes e sabonetes. (Jefferson Barros)

Transas



PACIFICO SIM, ATLANTICO NAO

As informações são agora através do Itamarati sobre evolução dos acordos bilaterais referentes a ampliação do mar territorial brasileiro pro 200 milhas. Isso quer dizer que não temos mais informações o que não é nada bom, pois os nossos ricos irmãozinhos do norte vão continuar pressionando. Eles não querem parar de faturas 17 milhões de dólares anuais somente na captura de camarões na costa do Amapá ou ter que pedir licença para que seus submarinos atômicos «exercitem-se» por aqui, etc., etc. A pressão é grande, mas os métodos já são conhecidos pelos nossos diplomatas. O Café é apenas uma. O assunto envolve segurança, economia e soberania — tranquilamente. Ah, e ótima diplomacia. P. S. O gozado é que os americanos para o outro lado — Pacífico — apóiam entusiasticamente a medida. Deve ser coisa puramente de geografia. (Paulo Edison)

CHUPADOR

Sérgio Augusto não se arrepende. É um chupador profissional e contumaz. Uma vez publicou um artigo de «Cahiers du Cinéma» assinado em baixa: Sérgio Augusto. to. Nem o título era dele: era meu; «A Psicanálise da América», só que fui menos dogmático e usei o artigo indefinido — uma. Agora já no primeiro número de JÁ, co-

mentando Ninho de Cobras, ele sai com esta: «Para Mankiewicz, a palavra é o instrumento dramático mais importante». O achado crítico é genial só que não é do SA, é do Jean Douchet. Mata a cobra e mostra a cobra viva (mágica que o LPV atribui só a Godard): «Et le verb se fait Mankiewicz, que fonde entièrement sa mise en scène sur le dynamisme de la parole». Cahier du Cinéma, n° 150-151, dezembro de 63—janeiro de 64. Quem achar a revista ganha um brinde: a Jane Fonda na capa. (Jefferson Barros)

CALÇAS FEITAS NA HORA

ENTRE NAS CALÇAS

Jim's

GAL. MALCON loja 6

CENTRO COMERCIAL, Av. I. Pessoa 1831-joia 215

HOJE EU QUERO UM AMOR PURO...

ESPECIAL E' MAIS CARO!...

bro 209

Trans

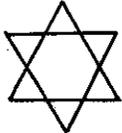


IRREVERENCIA

O engenheiro Valdemar Magadan falou pelo telefone com seu amigo Thompson Flôres no Japão. Thompson disse que estava ótimo e que tivera sorte: chegou na cidade de Kanazawa — «cidade irmã» de Porto Alegre, por um acordo das duas prefeituras — durante a Semana de Kanazawa, quando acontecem muitas festas, desfiles e havia umas 300 mil pessoas comemorando na rua. Ainda deu sorte de encaixar num desfile, junto com sua esposa e com a Miss Porto Alegre, num carro aberto. Mas quando Valdemar cantou o caso, Brenno, o chefe da assessoria de imprensa, não deu chance: os jornais disseram no outro dia que Thompson Flôres foi recebido por uma multidão de 300 mil pessoas, «que o aplaudiu freneticamente cecando bandeirinhas do Brasil, enquanto Thompson abria um desfile em carro aberto». Thompson não vai gostar disso, bicho. Foi muito irreverente.

ISRAEL INVADE BOM FIM

Muito bom o artigo do Jefferson Barros sobre o acordo Egito-USSR; (Pato 9) melhor, sob alguns aspectos, que os de Paulo Francis sobre o Oriente Médio. Este amontoa erros grosseiros ao lado de coisas corretas, numa análise superficial que se baseia no princípio de que, se uma coisa fôr dita com bastante convicção impressionará e convencerá as pessoas. É claro



que o Jefferson usa as chavões de hábito (a agressão israelense, etc.). O problema dos chavões é que no início estão na ponta da língua e depois sobem à cabeça; por exemplo fala-se no «expansionismo» israelense (israelense e não israelita; israelita são os habitantes do Bom Fim) e depois começa a se acreditar que o deserto do Sinai serve aos propósitos expansionistas de Israel. Deserto por Deserto, Israel tem o Neguev, que é enorme (para um país de três milhões de habitantes), tem tanta pedra e areia quanto o Sinai e ainda é pouco colonizado. É certo que Israel é um país industrializado e precisa de mercados, tanto para vender sua produção como o seu «know-how»; mas não necessita absolutamente de continuidade geográfica para isto. Na Marechal Floriano há uma loja de artigos importados que vende brinquedos fabricados em Israel. E a Marechal Floriano, que eu saiba, não é território israelense. (Maacyr Sclari)



LIMPINHO

Pela mesma onda potente, ainda no jogo de Caxias. Aos 30 minutos do segundo tempo, entra Paulo César, e é recebido assim pelo locutor: «lá vem ele de uniforme limpinho. Os outros estão que é só barro. Vamos ver quanto tempo o Paulo César leva para sujar-se». Cinco minutos depois: «Paulo César ainda não sujou-se de barro, está limpinho, como quando entrou». E até o fim do jogo, mais nenhum comentário sobre o palpitante assunto. E eu acabei ficando com a grande dúvida: afinal, Paulo César chegou a sujar seu uniforme, bichos? Por favor, esclareçam-me escrevendo para este hebdomadário. (Fruet)

BISPO

Ouvido pelas ondas de famosa emissora de rádio da cidade, a única que ainda fala em esportes. Foi no jogo do dia 10, em Caxias, entre Internacional e Juventude. O locutor principal: «No lance anterior o gol esteve eminente». O radiorepórter, confirmando e esclarecendo: «É, mas a eminência não chegou a concretizar-se». Queridos, eminente é bispo. O gol é no máximo, iminente. Luiz Henrique Fruet

NO PRÓXIMO:
AS ARMAS
E OS BARÕES
DA PROVÍNCIA
ASSINALADOS
PATO 12



VAMO,
PARÁ!

QUALQUER DIA A
CALDAS JR FECHA A MÃO



UNIVERSIDADE DE CAXIAS

Daquelas bandas do alto da serra vem a notícia. A Universidade recebeu uma doação da «Ford Foundation» em dólares. O galho quebrou quando o vice-reitor, Padre Sergio Leonardelli (dizem que tem uma fábrica de lotes no Rio de Janeiro) mandou relatório pros States onde falava em suplementação de professoras e outros pastos, quando nem os salários ê'es recebiam direito. É o caso do professor Emilio Mondim. Aiô, Caxias! Escrevam que o PÁTO está pronto pra dar força. Afinal, é muito MACHO.

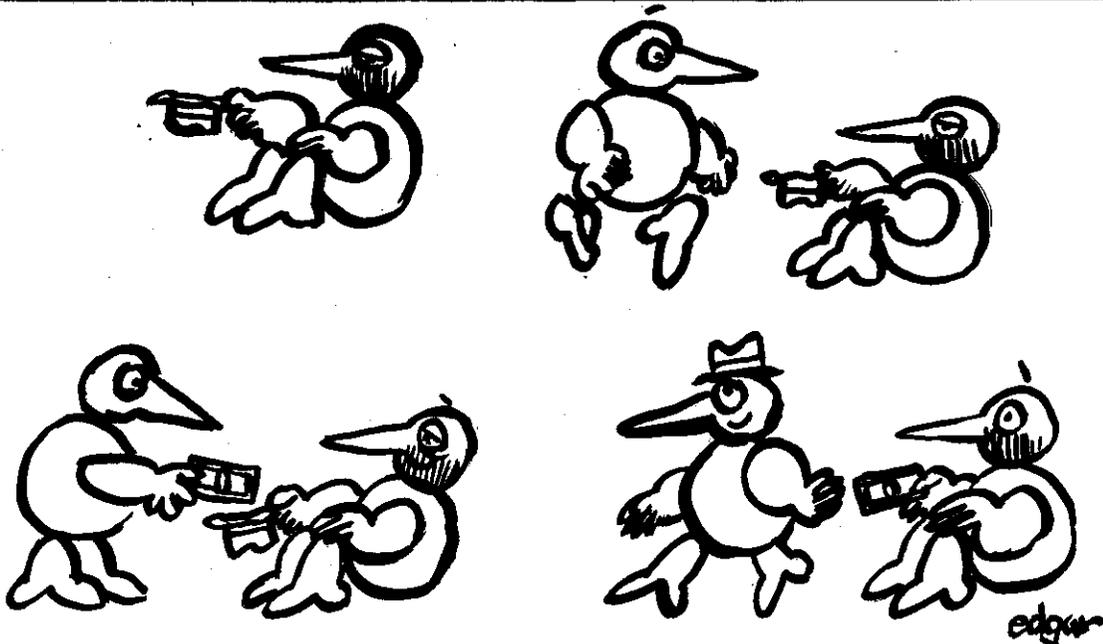
AUGUSTO PORTUGAL



BATE-CAPÃO
LOGO AÍ

não leve
salva-vidas,
a boca dá pé!

JACUI, 289
na subida do Cristal,
antes do Hipódromo.



edgar



Enquanto o nosso Grupo de Boladão se recupera do esforço de ter bolado a 1ª Grande Competição do Pato e não começa a bolar a 2ª, vamos publicando as contribuições de alguns retardatários para os programas duplos ideais. Fica entendido que estes não concorrem ao prêmio de uma bolsa de Inglês no Ineli, que já foi dado. Só ganham a honra de serem publicados no Pato.

Cilso Cazar Fioranza, Marcílio Dias 441, mandou, entre outros: «O que que há, gatinha» «Paris está em chamas?» «A farra dos malandros» «Quando o sexo se define» «Esta noite me acaba» «Com o Diabo sob o travesseiro» «Adivinhe quem vem para jantar» «Um homem chamado cavalo» «Os bravos não se rendem» «Mate todos e volte só»

ENQUANTO NÃO VEM A 2ª, CONTINUE CURTINDO COM A 1ª GRANDE COMPETIÇÃO DO PATO!

Signal Geisler Bueno, Otávio Rocha, 115 — 6º andar
«Quando é preciso ser homem» «Janjão não dispara... fuge» «Ela não bebe, não fuma, não paquera mas...» «Por um punhado de dólares» «As anormais» «Só matando» «Ursus, Sansão e Hercules» «O belo, o bruto e o cretino» «Deixa estar» «Deus os cira e eu os mata» «El Cid» «O bebê de Rosemary»

Candida Claudete Camacho, Galeria Rosário sala 1209, diz jocosamente que se fôsse classificada na competição preferiria ganhar a segunda prêmio. O segundo prêmio era uma noite com o Cói no Butikin. Com essas coisas não se brincam, dona Candida. Corre que o Cói já tem seu endereço.
«Há um homem na cama de mamãe» «Papai sabe tudo»

De José Eurico Netto, Pelotas: «Quem era aquela pequena?» «Um certo Capitão Rodrigo» «Um homem chamado Cavalo» «Matou a família e foi ao cinema».
De Josef Murawski, Jerônimo Coelho, 59
«Fugindo do Inferno» «De canico e samburá» «Shalako» «O vendedor de linguças».

Guido Laercia (é isso?) Costa Goulart, Eurico Lara 526, mandou 64 sugestões! As melhores: «E o vento levou» «A carta do Kremlin» «Aconteceu aquela noite» «A guerra dos pelados» «Os brutos também omam» «As anormais» «Os castrados» «Vidas sãsas» «Assim caminha a humanidade» «Sem destino» «Juliana do amor perdido» «A procura de um homem» «O homem nu» «Acessado» «Algumas garotas fazem» «Amores eróticos» «Quero viver» «Seduzida e abandonada» «Boccaccio 70» «O pornógrafo» «Os cafajestes» «Incompreendidos» «O Leopardo» e «A pantera cor de rosa» «Os reis do iê, iê, iê» «A serviço de sua majestade» «O grito» «Tarzan, rei das selvas» «Aquê que sabia amar» «Tôdas as mulheres do mundo» «Djalma C. Barcellos, Laurindo 18, apto 15» «Mais um para o inferno» «O donzelo»



KART

Dia 27, mais uma etapa do campeonato gaúcho, diga-se de passagem, bem mais disputado que o de automóveis, e o pessoal está afinando as máquinas para o Brasileiro (julho, dias 9-10 e 11, Tarumã), do qual sairão nossos representantes para o Mundial — 71 em setembro Turim Itália. Vale, realmente, dar um pulo até lá, principalmente porque alguns dos nossos valores do automobilismo estão a medir forças com os Kartistas mais gabaritados tornando assim o espetáculo verdadeiramente emocionante.

Para quem não sabe, estes pequenos carrinhos alcançam velocidades superiores a 120 km/h em menor tempo que muito Volkswagen envenenado, e a média para o circuito de Tarumã nunca é inferior a 70 km/h, bastante elevada tendo em vista o grande número de curvas que este possui.

Existem no R.G.S. atualmente perto de 100 karts, disputando as primeiras lugares em provas que comportam no máximo 30 ázels em cada bateria, num tempo de prova reduzido (10 ou 15 minutos) dando pois a oportunidade para que grandes pegos se criem, e que os melhores pilotos se destaquem.

Sugestão feita, basta colocar namoradinho debaixo do braço, ligar o rádio na Continental e comendo pipoca assistir à meninada baixar o bota num destes nossos domingos de bom tempo e poucas opções.

Janjão

CARTAS



JANJÃO DOS CARANGOS,

Assim o conheci, como sendo dos «carangos», o que hoje se transformou em «irmãozinho», como a amizade de arranca da voz muito a propósito a principalmente é recíproca.

Das gozações nem me foram tantas, prefiro trocar o vocabulário referido a jocosidade; por «inspiração» aliás, bem mais condizente com o quadro de «artistas» do PATO. Então, leia-se... inspiração... onde estiver escrito... gozação... tá?

O copo quebrado, afinal, serviu ao menos para ladrinhar um carrinho que por tantas vezes passei. — So esta rua / eu esta rua fôsse minha, / eu mandava / eu mandava ladrinhar, / com pedrinhas com pedrinhas de brilhante / para o meu amor passar.

O pessalo, foi «do ôlho», não acheste? Afinal o esporte-motor

só ganha com isto. Imagine vinte Formulinhas fiando por aí...

Janjão, minha négal Vai ao oculista, pois o que ostanto na retaguarda de um negro em forma de abriço, é o símbolo de nossas atividades, e lamentavelmente não se acerta nunca com o pato, — é a galinha, Janjão então esqueças da inspiração de nossas vidas? Galinha, Janjão! Galinha! Alô, integrante da divisão dos pássaros domésticos (como o Pato), que integra a nossa «redentora» fauna. Onde estão hoje os quase extintos românticos (superdotados em decadência), que nas dores e alegrias fazem as notas de música da vida. (Eu fui no horror, / beber água e não achel / etc... etc...)

Ah! Janjão o pré-Tarumã era «do ôlho». Te lembra das nossas viagens? Eram bem diferentes, agora, é só saudade de nossas peripécias para ir correr em Joazeba

(várias vezes. Curitiba, Guaporé etc... Acho que as «viagens» nos agradaram muito. (Afinal fomos em quatro num só banco...) TOBRIGADO, pela «fôrça», mas sabe que... esforços não podem parar, e como não sou o mais rápido, tenho sempre que encontrar «corrimãos» por outros lados. Como se tuas fôrças hoje escritas não esqueço as artas ditas, e da minha ascensão (su era ruim pa-oca) participaste ativamente. E podes escrever com confiança, que tudo é uma questão de oportunidades no automobilismo. Não existem excepcionais. Por exemplo, bem sabes que o Roito com melhores oportunidades na Europa teria continuado, a com sucesso. Vê o Emerson, é bom mas as oportunidades lhe foram pródigas. Não concordas que o «Gringo» poderia estar numa Fórmula 3 ou 2, se tivesse mais \$\$\$, hem? E o Lionel, Sandler, Boco, Zaico, Rosenberg e tantos outros que agora não me ocorrem (tu também, é claro), poderiam com algum \$\$\$ e interesse de algum «team manager» europeu seguir uma carreira brilhante, lá nas Orpes. Tudo meu «irmãozinho», são as oportunidades e sabê-las aproveitar bem pois no automobilismo, como em qualquer atividade de vida, impera o ditado de que — «Rei morto, Rei páto». Embora ninguém se possa aqui dizer um «rei», a certeza de que «alguém-de-sela» lhe está olhando do Ta-fa-Largo, faz sentir-se um verdadeiro «Luiz K-torze» no retrovisor inquieto de sua maquina de correr. Por isso, digo a repito, que o profissionalismo que me atribues, muito me honra, mas, já não mais o Gordo corre, mas sim o carro da Equipe, e não a função específica de andar bem e passar o mais rápido possível pela incorruptível cronometragem. Acabaram os heróis, é o tempo de um automobilismo sério que se aproxima, e os esforços que hoje desdobramos, é para que a chegada desta nova era, nos encontre: «Primeira fila, e se possível na «Pole-Position». Fazemos fôrça, obrigado pela tua. Sem gozação, com um abraço e um motorão.

GORDO ESBOGLIO

PS — Vê se me devolve aquele meia amarela, pois não posso mais usar minha cueca verde, nem o lenço azul. E se não o fizeres, terai que usar o conjunto azul-vermelho e branco... (..) você não entende nada... GAL)



FOTOS: APATU & JUAN

A PATADA

TETE segurando a bola no PATO. Seu irmão CRIS, que desempenha o papel de árbitro gráfico e AWA PRESTA uma homenagem. O PATO é uma das equipes da reportagem. TETE à direita e VAVA à esquerda.

PATOMACHO



PATO MACHO CR\$ 1,00